

**UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI  
COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO**

**LEONARDO QUEIROZ CAETANO  
LETICIA CERDEIRA RAMOS GERSSIANO  
MATHEUS PEREIRA DO NASCIMENTO  
PEDRO HENRIQUE DOS SANTOS  
THAIS CRISTINA CEGALLA TRINDADE  
TIAGO PEREIRA DOS SANTOS SILVA**

**DOCUMENTÁRIO EM VÍDEO:  
INVISÍVEIS: “HERÓIS” DESSA PÁTRIA NÃO TÃO GENTIL**

**SÃO PAULO**

**2023**

**LEONARDO QUEIROZ CAETANO  
LETICIA CERDEIRA RAMOS GERSSIANO  
MATHEUS PEREIRA DO NASCIMENTO  
PEDRO HENRIQUE DOS SANTOS  
THAIS CRISTINA CEGALLA TRINDADE  
TIAGO PEREIRA DOS SANTOS SILVA**

**DOCUMENTÁRIO EM VÍDEO:**

**INVISÍVEIS: “HERÓIS” DESSA PÁTRIA NÃO TÃO GENTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso II,  
apresentado ao curso de  
Comunicação Social- Jornalismo da  
Universidade Anhembi Morumbi,  
como exigência parcial para a  
obtenção do título de bacharel em  
Comunicação Social - Jornalismo,  
sob a orientação da Profa. Sofia  
Franco Guilherme

**SÃO PAULO**

**2023**

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>4</b>
<b>1. “LIXO EXTRAORDINÁRIO”: UM RETRATO FALADO DA PERSPECTIVA DE JESSÉ SOUZA .....</b>	<b>6</b>
<b>2. MORTE E VIDA SEVERINA: ANÁLISE CRÍTICA DA OBRA ATRAVÉS DAS MIGRAÇÕES NORDESTINAS NO BRASIL .....</b>	<b>23</b>
<b>3. A CRIAÇÃO DA IMAGEM DO RETIRANTE NORDESTINO NA PRODUÇÃO CULTURAL .....</b>	<b>34</b>
<b>4. INVISIBILIDADE DA ATENÇÃO ÀS PESSOAS EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA .....</b>	<b>50</b>
<b>5. PROFISSÕES INVISÍVEIS: A INVISIBILIDADE DOS SEPULTADORES DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19 .....</b>	<b>68</b>
<b>6. TRABALHO NO SÉCULO XXI .....</b>	<b>84</b>

## APRESENTAÇÃO

Este trabalho compila os artigos elaborados pelos membros do grupo durante o período correspondente ao sétimo semestre do curso de **Comunicação Social – Jornalismo** na **Universidade Anhembi Morumbi**, na disciplina de Reportagens Especiais. Esta disciplina, junto com o Trabalho de Conclusão de Curso I, marca o início do desenvolvimento do **Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)** nesta graduação.

A estrutura curricular foi desenhada para permitir aos estudantes a oportunidade de realizar o TCC de forma dual: no sétimo semestre, colaborando em grupo para conceber um projeto (ou uma pauta estendida), que será transformado em um produto jornalístico no oitavo semestre. Concomitantemente, os alunos trabalham individualmente na construção de uma pesquisa para reunir informações, questionar e refletir sobre os diversos aspectos relacionados ao tema central do projeto editorial e do subsequente produto jornalístico.

Neste caso específico, o grupo optou por elaborar um **Documentário em Vídeo** como seu TCC, explorando o tema: **Invisíveis: “heróis” dessa pátria não tão gentil**. O objetivo é investigar a invisibilidade de profissionais frequentemente ignorados na sociedade, destacando a significativa contribuição desses "heróis" invisíveis para o funcionamento da sociedade, especialmente em profissões pouco reconhecidas, mas essenciais.

O tema aborda uma perspectiva sobre as profissões invisíveis. Ao analisar outros trabalhos relacionados ao tema, observamos que muitas vezes há abordagens convencionais que não abrem novos caminhos, perspectivas ou aprofundam-se neles.

Assim, o produto final visa fornecer ao espectador uma abordagem diferenciada do tema, utilizando representações simbólicas e debates sobre vários conceitos sociais e econômicos relativos aos trabalhadores invisíveis e

suas visões de mundo sobre a profissão. A intenção é que a reportagem crie um senso de empatia, permitindo que o espectador se coloque na realidade apresentada e se envolva contemplativamente, buscando compreender as ideias apresentadas como parte integrante da narrativa, ao invés de apenas observar algo incomum sobre o assunto.

Nossos artigos incorporam diversos elementos artísticos na construção narrativa de forma intencional, visando colocar o espectador em constante questionamento interno. A importância de nossa obra reside na aplicação do construtivismo para estabelecer uma base sólida de compreensão sobre a invisibilidade social desses trabalhadores, desmistificando essas profissões.

Desta maneira, esses aspectos podem contribuir de forma mais incisiva para a compreensão do público, uma vez que, a partir das pesquisas realizadas pelo grupo sobre o tema.

# 1. “LIXO EXTRAORDINÁRIO”: UM RETRATO FALADO DA PERSPECTIVA DE JESSÉ SOUZA

*Leonardo Queiroz Caetano*

## RESUMO

Este artigo analisa o documentário "Lixo Extraordinário" e sua relevância na compreensão da desigualdade social no Brasil, sob a perspectiva do sociólogo Jessé Souza. O filme retrata a vida precária dos catadores de lixo e a relação entre o ser humano e o lixo, abordando temas como reciclagem e arte contemporânea. Com base nas ideias de Jessé Souza, o artigo destaca a exclusão e marginalização das classes populares como resultado da desigualdade social brasileira, e enfatiza a necessidade de políticas públicas e conscientização para buscar equidade e justiça social no país.

**Palavras-chave:** desigualdade social, Brasil, documentário, Lixo Extraordinário, Jessé Souza, catadores de lixo.

## INTRODUÇÃO

O Brasil é um país marcado por profundas desigualdades sociais, econômicas e políticas, que afetam significativamente a vida de milhões de pessoas. Quase a metade da fortuna nacional está em posse da elite máxima do país (1%) e mais da metade da renda brasileira fica concentrada nos 10% mais ricos do Brasil<sup>1</sup>. Essas desigualdades se manifestam de diversas formas, como a falta de acesso a serviços básicos, a violência urbana, a discriminação racial e de gênero, e a marginalização de grupos socialmente vulneráveis. Esse

---

<sup>1</sup> Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/12/07/4-dados-que-mostram-por-que-brasil-e-um-dos-paises-mais-desiguais-do-mundo-segundo-relatorio.ghtml>>. Acesso em: 27 de março de 2023.

tema já foi ideia central de vários filmes nacionais, como “*Que Horas Ela Volta?*”<sup>2</sup>, “*O Som ao Redor*”<sup>3</sup> e o “*Lixo Extraordinário*”.

“*Lixo Extraordinário*” é um documentário lançado em 2010 dirigido por Lucy Walker, João Jardim e Karen Harley. O filme, que foi indicado ao Oscar de 2011 na categoria de melhor documentário, narra a história do artista plástico brasileiro Vik Muniz, que decide trabalhar com catadores de lixo no antigo Aterro Sanitário Jardim Gramacho, em Duque de Caxias, no estado do Rio de Janeiro.

O documentário é uma reflexão sobre a questão da relação entre o ser humano e o lixo, bem como uma análise das condições de vida dos catadores de lixo, que têm uma existência marginalizada e precária. Além disso, o filme também aborda temas como a reciclagem e a arte contemporânea, e explora como esses assuntos podem ser utilizados como ferramentas para promover mudanças sociais.

Baseando-se nas ideias do sociólogo brasileiro Jessé Souza, “*Lixo Extraordinário*” nos apresenta uma reflexão profunda sobre a realidade da desigualdade social no Brasil, mostrando a vida dos catadores que, muitas vezes, são invisíveis para a sociedade, mas que desempenham um papel fundamental na reciclagem de materiais e na preservação do meio ambiente.

Jessé Souza, em suas obras “*A invisibilidade da Desigualdade Brasileira*” (SOUZA, 2006) e “*A Ralé Brasileira: Quem é e Como Vive*” (SOUZA, 2009) nos apresenta uma análise crítica sobre a estrutura social brasileira, que se baseia em uma lógica de exclusão e marginalização das classes populares, que são vítimas da desigualdade e da injustiça social. Ele argumenta que a desigualdade é resultado da história do país e das estruturas políticas e econômicas que foram estabelecidas ao longo do tempo, que favorecem as elites e marginalizam os mais pobres.

---

<sup>2</sup> QUE HORAS ELA VOLTA?. Direção: Anna Muylaert. Produção de Anna Muylaert, Fabiano Gullane, Caio Gullane, Debora Ivanov e Guel Arraes. Brasil: Globo Filmes, Gullane Filmes e África Filmes, 2015.

<sup>3</sup> O SOM AO REDOR. Direção: Kleber Mendonça Filho. Produção de Emilie Lesclaux. Brasil: Cinemascópio, 2012.

“A tendência a se criar o que poderíamos chamar de “fetichismo da economia” – como se o crescimento econômico por si só pudesse resolver problemas como desigualdade excludente e marginalização –, o hábito de se estabelecer clivagens regionais entre partes modernas e tradicionais dentro do país ou ainda as cruzadas populistas contra a corrupção são legitimados por essa suposta herança pré-moderna e personalista, idéias que servem como máscara ideológica contra a articulação teórica e política dos conflitos específicos de classe na periferia.” (SOUZA, 2004, p.80)

Jessé Souza é graduado em Direito e mestre em Sociologia pela Universidade de Brasília, a UnB, doutor em Sociologia pela Universidade de Heidelberg, na Alemanha, com pós-doutorado em Psicanálise e Filosofia na The New School for Social Research, em Nova York. Ele coordenou diversas pesquisas empíricas de amplitude nacional e internacional sobre desigualdade, preconceito e classes sociais no Brasil e no mundo. É autor de mais de 30 livros e de uma centena de artigos e ensaios em vários idiomas.

Assim, ao considerarmos os eventos apresentados no filme *"Lixo Extraordinário"* e as ideias propostas por Jessé Souza, podemos compreender a complexidade e a gravidade da desigualdade social no Brasil e a necessidade de políticas públicas que busquem a equidade e a justiça social, bem como a conscientização da sociedade sobre essa problemática.

O objetivo deste artigo é analisar a obra de Lucy Walker, João Jardim e Karen Harley sob a ótica ideológica de Jessé Souza sobre a desigualdade social brasileira e correlaciona-la com a situação atual do bairro carioca.

## **METODOLOGIA**

Essa análise foi realizada sob a lente social proposta por Jessé Souza nas obras “A Invisibilidade da Desigualdade Brasileira” e “A Ralé Brasileira: Quem É e Como Vive”. A mesma propõe ilustrar, de modo descritivo, os conceitos presentes nas obras do sociólogo ao decorrer do documentário “Lixo Extraordinário”.

A estrutura seguirá um modelo de “recortes” das obras de Souza para exemplificar ou estabelecer paralelos para explicar o mito brasileiro e a

brasilidade, os grupos da ralé (homens e mulheres) e sua reprodução, o racismo no Brasil, o habitus precário e as danças da subcidadania, o valor do trabalho, a percepção da desigualdade e sua legitimação, e por fim, a desorganização familiar. Todos esses conceitos são trabalhados por Jessé em seus livros e eles serão exemplificados através do filme nesta análise.

## **ANÁLISE**

No início do documentário, em conversa com sua esposa, Janaína, ela o questiona “como ficará a questão da saúde trabalhando com elas”, se referindo aos trabalhadores do aterro, enfatizando em sequência que “não é seguro fazer isso”. Nesse momento Vik diz que “elas não se questionam sobre isso e que é dali que se alimentam”, mas sua mulher diz “nós nos questionamos”. Apesar disso, Vik se mostra interessado em ver o que essas pessoas realmente precisam. Dentro desses dois diálogos iniciais do filme, é possível notar alguns conceitos abordados por Jessé em seus livros, como a percepção que as classes privilegiadas têm sobre as desigualdades em relação às desfavorecidas e os hábitos desenvolvidos pelas pessoas que o artista gostaria de trabalhar devido ao meio em que vivem. Minutos depois, a consciência de uma ralé existente, com aparência bem definida, se mostra presente na discussão, através dessa fala de Muniz: “Devem ser as pessoas mais rudes em quem podemos pensar. São viciados em drogas, são... É o fim da linha. Dê uma olhada na geografia da área. É para onde vai tudo o que não é bom, incluindo as pessoas.” Após essa conversa, Vik começa a falar sobre os problemas de classicismo no Brasil. “Os tipos de pessoas que trabalham lá, na sociedade brasileira, não diferem do lixo. Creio que a coisa mais perniciosa na cultura e na sociedade brasileira é o classicismo. É horrível como as pessoas realmente acreditam nisso. Falo das pessoas instruídas, elas acreditam que são melhores que as demais.” O casal tem uma percepção da desigualdade, interpretando as diferenças sociais e econômicas entre eles e os catadores, além dos hábitos e costumes que esses indivíduos têm mas que não são normais para eles. Jessé Souza analisa como as desigualdades são percebidas e legitimadas na sociedade brasileira, e como essas percepções influenciam as atitudes e comportamentos das pessoas em relação à

desigualdade. O casal também tem uma compreensão do perfil das mulheres e homens dessa ralé, grupos que foram explicados e exemplificados por Jessé.

Agora me interessa destacar que é apenas a compreensão “economicista” da luta de classes e da desigualdade entre as classes implicando cegueira (que seja dito mais uma vez, uma cegueira teórica) em relação a todo o aspecto “simbólico” (a ser discutido em detalhe mais tarde), ainda que de modo opaco e pré-reflexivo, que marca a legitimação da desigualdade de classes no capitalismo.(SOUZA, 2006, p.74)

Entre as mulheres da “ralé”, são as empregadas domésticas, faxineiras, lavadeiras ou prostitutas — a perfeita metáfora “real” de quem só tem o corpo e é obrigado a vendê-lo — que trabalham nas casas de classe média ou para a classe média.(SOUZA, 2009, p.416)

Os homens da “ralé”, como vimos na pesquisa, estão envolvidos em atividades que exigem trabalho muscular e não qualificado, como ambulante, biscateiro, lavador de carros, vigia, transporte de carga pesada etc., e servem aos mesmos fins das mulheres.(SOUZA, 2009, p.416)

O habitus precário seria o limite do habitus primário para baixo, ou seja, seria aquele tipo de personalidade e de disposições de comportamento que não atendem às demandas objetivas para que, seja um indivíduo seja um grupo social, possa ser considerado produtivo e útil em uma sociedade de tipo moderno e competitivo, podendo gozar de reconhecimento social com todas as suas dramáticas consequências existenciais e políticas. (SOUZA, 2006, p.25)

Já no Brasil, com os trabalhos sendo iniciados, Vik tem um breve contato com os catadores e passa suas primeiras impressões, dizendo que “é engraçado como você se acostuma com o cheiro”. Essa breve passagem ilustra, pela perspectiva do artista que desempenha um papel de experimentador e de modo mínimo, o conceito das danças da subcidadania, já que ele estava precisando se adaptar àquele novo contexto. “Não é tão ruim quanto eu pensava. Estamos no maior aterro sanitário do mundo. As pessoas batem papo; não vejo gente deprimida. Parecem orgulhosos do que fazem.” Essa passagem de Muniz representa de forte modo o conceito de “brasilidade” que será motivo de questionamento por parte de Souza, e já nos minutos seguintes, o mito da brasilidade começava a ser desconstruído. Também podemos perceber, por causa das imagens apresentadas sobre como as pessoas trabalham e sobrevivem ali, a dança da subcidadania que Souza se

refere em suas obras, já que tudo parece ser adaptado para viver em torno do lixo.

Num contexto como o nosso, em que o “mito da brasilidade” duplica e potencializa a repressão de consensos injustos e a perpetuação de privilégios, o processo de aprendizado moral e político, tanto individual quanto coletivo, é dificultado a um nível máximo. (SOUZA, 2009, p.48)

Assim, as danças da subcidadania são produzidas e apreendidas no conjunto das relações sociais que matizam a desigualdade social. Por isso, estas danças apresentam os contornos dos salões em que elas foram coreografadas e treinadas. (SOUZA, 2006, p.151)

Zumbi, membro do conselho deliberativo da Associação de Catadores do Jardim Gramacho (ACAMJG). “Temos que pensar no futuro, porque é aquele negócio, eu não quero que meu filho seja catador. Se for catador, vou ter o maior orgulho, mas prefiro que ele seja um advogado para representar os catadores, uma médica para cuidar dos catadores.” Zumbi é o responsável por introduzir o conceito do valor do trabalho e da dignidade abordado por Jessé, mostrando entendimento sobre sua situação e desejando condições melhores para suas gerações futuras.

É um fenômeno comum nos mercados informais brasileiros a aparição de ambulantes estilizados que demonstram prazer no que fazem, uma vez que, além da ideologia velada da hierarquia das ocupações, compartilhamos da naturalização de uma ideologia explícita de que todo trabalho é digno. Alguns indivíduos parecem explorar pré-reflexivamente o pouco que lhes foi permitido, realizando seu trabalho com bom humor e boa vontade. Outros parecem incorporar o espírito do malandro, estereótipo este sedimentado no imaginário brasileiro, uma vez que percebem a eficácia deste método para otimizar seus lucros, em uma luta diária pela sobrevivência. (SOUZA, 2006, p.187)

Após isso somos apresentados ao Sebastião (Tião), Presidente da ACAMJG. Ele conta sobre o começo da associação, após Vik compartilhar sua trajetória, e como as pessoas ridicularizaram sua investida. Tião comenta um fato interessante sobre a leitura, sobre como esta é fundamental na vida das pessoas e o papel de Zumbi na coleta dos livros que são descartados. Ele ainda cita que muitas vezes o livro está em ótimo estado e sendo comercializado, mas foi descartado. Zumbi comenta que tem vontade de

construir uma biblioteca comunitária no espaço dele. O catador comenta sobre algumas obras que já leu, como “O Código da Vinci” e “A Arte da Guerra”. Tião começa a desmistificar a visão tradicional sobre os homens da ralé ao lado de Zumbi.

Os homens da “ralé”, como vimos na pesquisa, estão envolvidos em atividades que exigem trabalho muscular e não qualificado, como ambulante, biscateiro, lavador de carros, vigia, transporte de carga pesada etc., e servem aos mesmos fins das mulheres. (SOUZA, 2009, p.416)

Durante uma cena no caminhão, na presença de vários catadores, Valter dos Santos fala a seguinte frase para um de seus companheiros: “A luta é grande companheiro, mas a vitória é certa. Ser pobre não é ruim. Ruim é ser um rico, no mais alto degrau da fama, com a moral coberta de lama”. Ele é o Vice Presidente da ACAMJG e é catador há 26 anos. Valter questiona as motivações do artista sobre o que ele está fazendo e demonstra muito orgulho pela sua profissão e por representar mais de 2.500 catadores. Valter ainda faz questão de pedir uma compreensão por parte da equipe por sua linguagem, pois não possui escolaridade. Mais uma vez, o filme nos mostra um retrato diferente do diálogo inicial do filme sobre os homens pertencentes à ralé. Valter, é um homem mais velho e que, apesar de sua humildade, demonstra um alto grau de experiência e sabedoria.

Isis Rodrigues Barros conta que trabalha no aterro há 5 anos. Ela diz ser nojenta a forma como ela está sendo vista, toda suja devido ao seu trabalho. Ela afirma não gostar de trabalhar ali e que aquele trabalho “não era futuro”. Logo depois ela conta sobre um relacionamento que havia acabado de terminar, com um caminhoneiro que era casado - motivo do término. Nesse ponto é importante perceber que o mito nacional começa a de fato se desmistificar. Podemos perceber um contraste significativo entre a primeira aparição da moça, que era sorridente e cativante como diz o gabarito da brasilidade, se divertindo com os companheiros de trabalho e distribuindo brincadeiras. Mas nessa passagem ela mostra um contraste muito grande, expondo essa sensação de falta de pertencimento ao coletivo.

Estou usando a noção de mito, neste contexto, como sinônimo de “imaginário social”, ou seja, como um conjunto de interpretações e de ideias que permitem compreender o sentido e a especificidade de determinada experiência histórica coletiva. Desse modo, o mito é uma transfiguração da realidade de modo a provê-la de “sentido” moral e espiritual para os indivíduos e grupos sociais que compõem uma sociedade particular. É precisamente esse “sentido” moral que permite cimentar relações de identificação social e pertencimento grupal de modo a garantir laços efetivos de solidariedade entre os indivíduos e grupos, aos quais o mito se refere. (SOUZA, 2009, p.30,31)

No minuto 35 somos apresentados a “Irmã”, moça que faz comida para os catadores. Ela é cozinheira, já trabalhou em diversos lugares, tem muita experiência na área e se diz muito feliz ali naquele meio por ser muito admirada e respeitada pelos trabalhadores do local, que festejam muito sua presença. Ela diz: “Pode estar chovendo, mas eu acendo o fogo e faço a comida. Não deixo ninguém passar fome”. Irmã ajuda na compreensão dessa desconstrução. O lugar em que ela sente pertencimento é ali, no aterro, ou seja, o seu “mito nacional” assim como sua “brasilidade” são parte daquele contexto, se tornando uma representação mais genuína das ideias confrontadas por Jessé Souza sobre esses temas. Sendo assim, Irmão é um exemplo claro das ideias do autor. Ela “escolheu” isso.

Em segundo lugar, esse processo é moral porque esse “mito” ou esse “imaginário social” é necessariamente baseado em opções morais como superior/inferior, nobre/vulgar, bom/mal, virtuoso/vulgar etc. Existe, portanto, uma “hierarquia moral”, ainda que geralmente apenas implícita e não tematizada, a todo mito ou imaginário social peculiar. (SOUZA, 2009, p.31)

Depois, conhecemos a Magna, moça que começou a trabalhar no aterro há um ano devido às necessidades financeiras da família. Ela ingressou no trabalho por meio de seu marido, que ficou desempregado. Ela comenta sobre o comportamento das pessoas no ônibus, que ficam cheirando o ar quando se sentam perto dela. A catadora compartilhou uma história em que questionou uma moça no transporte sobre o cheiro dela, se ela estaria fedendo. “Eu estou fedendo? É porque eu estava trabalhando. É melhor do que se eu tivesse lá em Copacabana rodando bolsinha. Eu acho que é mais interessante e mais honesto. Mais digno. Tô fedendo, mas chego em casa, tomo um banho e fico

melhor. Mas é nojento”. Magna é a responsável por introduzir um aspecto muito importante que está correlacionado às mulheres da ralé: a prostituição. Após a passagem dela, será possível perceber como a mulher da ralé está condicionada à prostituição com os depoimentos a frente.

Ser pobre e prostituta, vender o corpo por dinheiro, como se faz com qualquer mercadoria, repugna a “boa sociedade” por evidenciar a fragilidade de seus valores mais nobres. Aos olhos da “boa sociedade”, a prostituta é repulsiva por ela intermediar o campo dos afetos explicitamente através da relação monetária, do dinheiro, ainda que implicitamente esse seja um elemento também presente em qualquer relação afetiva, embora nunca admitido. (SOUZA, 2009, p.173)

Suelem, moça de 18 anos, começa dizendo que é melhor coletar no período da noite pois há menos gente trabalhando. Também diz que é melhor trabalhar no aterro, honestamente, do que se envolvendo com tráfico de drogas ou prostituição como muitas outras meninas e situações parecidas com as dela. A garota começa seu relato dizendo que trabalha desde os sete anos e que come o que acha no aterro: “O que vêm a gente vai mandando pra dentro. Se não morrer, não dá ruim. Ainda tá dando pra viver.” Ela conta que de tempos em tempo vê algumas coisas que não são agradáveis, como uma vez em que viu o corpo morto de uma criança recém nascida que foi descartado. Suelem tem dois filhos que não moram com ela no aterro e que ela vê eles periodicamente. O pai trabalha com venda de drogas e não parece ser muito presente na vida da família. Ela conta alguns detalhes sobre como funciona o sistema de aluguel e pagamentos dentro do aterro, além de mencionar a falta de estrutura e o convívio com animais indesejados. Ela faz uma confissão sobre sua paixão por crianças e que se pudesse abriria uma creche para poder cuidar delas. Depois, nos apresenta sua casa e sua família, que vive em uma situação extremamente precária. A mãe dela também fez um relato sobre sua antiga relação com o pai de Suelem, dizendo que eles se separaram depois dele ter agredido ela fisicamente e que ela encontrou um meio de sobrevivência com o trabalho no aterro e que com o tempo foi levando o pessoal para trabalhar também. Como dito anteriormente, percebemos no caso dessa moça bem mais jovem do que a Magna que a prostituição é algo muito comum. Mas aqui, outros fatores ficam mais evidentes. Os costumes que essas

peças vão adquirindo ao longo do tempo para conseguir sobreviver, o perfil da mulher da ralé que sofre e se adapta, a família já em pedaços por causa dessa cadeia estrutural e também a propagação dessa ralé. A propagação dessa classe será vista mais detalhada por Zumbi.

Foi a percepção da ambiguidade de sentimentos que a figura da prostituta incita que norteou algumas indagações centrais da pesquisa sobre a prostituta como um dos tipos femininos mais comuns da ralé. Afinal, a prostituição no Brasil é muito maior e muito mais generalizada do que se costuma admitir. Ainda que sua apreensão estatística seja difícil, por motivos óbvios como profissão estigmatizada, sabe-se que em certos países europeus, como Alemanha, Espanha e Itália, a “brasileira” é quase sinônimo de prostituta. (SOUZA, 2009, p.175)

O importante a ser percebido é que o habitus, o modo de vida, e não a “pobreza” — no sentido mais comum, que a reduz à renda — é um fator criminógeno. Não é simplesmente a falta de dinheiro para se alimentar ou se vestir um fator causador da criminalidade. Esse tipo de interpretação não é capaz de explicar por que muitas pessoas pobres são “honestas”. Uma família de seis pessoas com uma renda mensal de dois salários mínimos e habitus precário é bastante diferente de uma família com o mesmo número de pessoas e com a mesma renda, mas que vive num ambiente doméstico estruturado, onde há respeito e ligações afetivas que proporcionam alguma segurança existencial e internalização de noções de dever e responsabilidade. (SOUZA, 2009, p.344)

Fato é que, como nos disse um informante, “mulher sozinha na favela vira toco de cachorro mijar”. Mais que tudo, a imagem que esse dito popular evoca diz respeito ao contexto de vulnerabilidade extrema das mulheres da ralé perante o abuso sexual e físico; à maneira de um toco, impotente, à mercê de qualquer cachorro. Nesse contexto, o maior risco está nas redondezas e, antes mesmo, dentro de casa, ainda na infância, quando as relações são muito próximas e é maior a dependência. Nas frações mais miseráveis da ralé, o abuso sexual é uma prática naturalizada. (SOUZA, 2009, p.129)

A vida familiar desorganizada, aliada à pobreza, era responsável por um tipo de individuação ultraegoísta e predatória. <sup>9</sup> Este tipo de organização da personalidade, sobejamente demonstrada nas entrevistas elencadas no livro, produto da desorganização familiar, reflete, no egoísmo e na instrumentalização do outro, seja o “outro” a mulher ou o mais jovem e indefeso, uma situação de sobrevivência tão agreste que mina, por dentro, qualquer vínculo de solidariedade, desde o mais básico na família até o comunitário e associativo mais geral. (SOUZA, 2006, p.36,37)

Procuro mostrar, a seguir, como o reconhecimento negado de sua identidade propiciou danos irreparáveis em sua autorrealização, favorecendo a perpetuação do seu habitus precário e, por conseguinte, contribuindo para a situação de marginalização desse contingente improdutivo e desvalorizado. (SOUZA, 2006, p.205)

Zumbi compartilha sua história de vida, contando sobre seus pais e seus anos de trabalho no aterro. Disse que antes do falecimento de seu pai, ele, sua mãe e irmãos tinham uma vida tranquila, mas após isso começaram a ter dificuldades e foi então que, aos 9 anos, sua mãe foi para o Jardim Gramacho e ele foi junto para ajudar ela. Após alguns anos de trabalho no aterro, sua mãe veio a falecer também. Podemos perceber que, assim como Suelem, Zumbi vem de um histórico familiar de catadores. Isso só reforça o que Souza afirma sobre a propagação da ralé, principalmente pensando no depoimento inicial de Zumbi sobre seu filho.

Esse amesquinamento do olhar seletivo é o próprio fundamento da manutenção de uma ordem excludente e perversa que só pode se manter enquanto tal, de modo legítimo, se conseguir, precisamente, “eufemizar”, mitigar, diminuir os conflitos sociais de forma a torná-los circunscritos e parciais. Apenas essa “miopia” do olhar seletivo é que permite consolidar um debate público que recorrentemente transforma questões sociais em questões de polícia. (SOUZA, 2009, p.98)

Isis volta a aparecer com 1 hora e 4 minutos de filme para falar sobre o que mudou em sua vida com o projeto iniciado por Vik Muniz junto dos catadores. Ela começa dizendo que muita coisa já mudou pois ela “não se vê mais naquele lixo” e que pediu um emprego ao Fábio para continuar trabalhando com o pessoal no estúdio. Aqui percebemos que Isis tem uma transformação ao longo da trama, chegando ao ponto de até mesmo encontrar o seu senso de pertencimento ao qual se refere o mito nacional, mas através dos moldes propostos pelo mesmo, pautado na desigualdade e no mérito, já que agora ela era digna e merecedora daquelas oportunidades.

No passado, o pertencimento à família certa e à classe social certa dava a garantia, aceita como tal pelos dominados, de que os privilégios eram “justos” porque espelhavam a “superioridade natural” dos bem-nascidos. No mundo moderno, os privilégios continuam a ser transmitidos por herança familiar e de classe, como veremos adiante, mas sua aceitação

depende de que os mesmos “apareçam”, agora, não como atributo de sangue, de herança, de algo fortuito, portanto, mas como produto “natural” do “talento” especial, como “mérito” do indivíduo privilegiado. (SOUZA, 2009, p.42,43)

Fábio, Viki e a esposa do artista aparecem em uma discussão sobre o impacto causado na vida dos catadores de Gramacho, que após um longo período de trabalho com a equipe de Viki no estúdio já não se viam mais voltando à sua antiga vida no aterro. Eles discutem sobre a verdadeira felicidade dessas pessoas em viver fazendo o que já estavam fazendo antes de tudo começar. A esposa de Viki fala sobre o quão delicado é introduzir essas pessoas em um contexto de vida completamente diferente ao qual eles estão acostumados, tendo em vista que a mudança gerada pelo novo estilo de vida com o trabalho no estúdio do Rio de Janeiro já havia sido muito impactante para todos eles. Eles deviam ponderar muito antes de levá-los a Londres. Ela diz: “O que irá acontecer a eles quando os colocarem num avião?” Viki insiste que talvez a cabeça deles precise ser mexida. Ela volta a dizer: “Mas se você os abalar e disser que a vida é diferente, que podem fazer isso ou aquilo... Realisticamente pensando, o que eles podem fazer com isso depois daqui?” Viki volta a persistir que é necessário um grande choque pois é difícil ser pior que aquilo que já passaram e indaga: “Qual o problema de mudar a vida de alguém para sempre?” Sua esposa continua questionando que as pessoas podem não estar preparadas para tudo isso e o que virá depois de todas as mudanças. Viki se questiona se realmente é algo ruim as pessoas não quererem voltar a trabalhar no aterro depois do tempo que ficaram no estúdio. Todos chegam ao consenso de que isso é algo bom. Viki então diz: “Talvez eles tenham de ir e traçar um plano para saírem de lá. Eles precisam ver outra realidade e isso irá mudar sua forma de pensar.” Nesse diálogo podemos perceber que Vik está totalmente imerso na ‘teoria emocional da ação’ que permeia a “teoria da ação social brasileira” a qual Jessé Souza se propõe a debater. Após o envolvimento emocional causado pelo trabalho, Muniz se sente ainda responsável por inserir essas pessoas no mesmo contexto de vida que ele, mas também desperta um sentimento de pertencimento àquele grupo e àquele meio. Vik finaliza: “Se eu fosse um catador em Jardim Gramacho e alguém me perguntasse se eu gostaria de trabalhar duas semanas num estúdio

de arte, fazer umas fotos minhas e talvez ser levado a outro país, mas depois voltaria a coletar lixo... Eu sei que diria sim.”

Essa teoria da ação, desse modo, penetra na própria autopercepção e compõe, inclusive, parte da identidade individual de todos aqueles socializados nessas condições. Assim, o próprio imaginário social dominante, em países como o Brasil, interpreta “o brasileiro” como um tipo social homogêneo, como no “homem cordial” de Sérgio Buarque (o pai da sociologia moderna no Brasil), possuindo as mesmas características da “teoria emocional da ação”: predomínio da emoção e do sentimento sobre o cálculo racional, criando um mundo dividido entre amigos e inimigos. (SOUZA, 2006, p.12)

Tião e sua foto vão a Londres para a exposição e também para o leilão. Após a venda da obra, Tião entra em lágrimas e Viki diz: “Acho que o mais importante é o que a gente vai fazer com isso”. Tião responde: “Tudo valeu a pena. Tudo o que eu fiz até hoje. Valeu muito a pena!” Viki pergunta: “Por que você acha que está aqui?” E ele responde: “Porque um dia eu e um amigo meu sonhamos em fundar uma associação. Criamos essa associação. Ninguém acreditava na gente. Nem minha família. Ninguém acreditava em mim”. Após Viki dizer que era só o começo para ele, Tião diz: “Estou muito feliz. Deus foi muito bom comigo. Foi maravilhoso”. Viki termina dizendo o seguinte: “Não, cara. Você que é forte. Você que está fazendo isso tudo!” Por fim, os catadores de Gramacho vão até a exposição das obras que produziram em parceria com Vik Muniz. Todos eles são entrevistados, tiram fotos e se sentem muito felizes pelo reconhecimento que estão recebendo por seu trabalho. Essa passagem enfatiza o valor do trabalho realizado por Tião, que agora é “legítimo”.

Ao invés da “salvação eterna” na religião, mercado e Estado, que controlam todas as nossas possibilidades de acesso aos bens e recursos escassos mundanos, não apenas poder e dinheiro, mas também o prestígio e a influência social que a posse de poder e dinheiro envolve, vão separar e legitimar pré-reflexivamente as classes com capital cultural das classes que só possuem o próprio corpo. (SOUZA, 2006, p.86)

Nos últimos monólogos, Vik começa dizendo: “Eu sabia que podia fazer o trabalho, mas eu não contava me envolver com o pessoal que trabalhei como fiz. Era impossível não se envolver. Pensei que poderia ir lá e pintar Jardim

Gramacho, como Cézanne pintou 'O Monte de Sainte-Victoire'. Apenas pintar e relaxar. Tentar fazer o trabalho e vê-lo como uma representação. Mas não é. É bem mais do que isso, pois tem o seu próprio lado humano que uma imagem não consegue traduzir. Poderia ser eu. As histórias que essas pessoas contam... muitas delas da classe média baixa, que, por alguma infelicidade, tiveram que ir pra lá e viver no lixo. Eu nasci em uma família de classe média baixa no Brasil. Se tivesse acontecido alguma coisa aos meus pais, eu poderia ter sido levado a uma vida como aquela. Se conseguir se colocar no lugar deles, começar a viver a vida deles e imaginar o que terão de fazer para continuar a viver... É difícil, mas por outro lado, quando vemos o apetite pela vida que eles têm e o jeito que eles se portam, é inspirador. Comecei a pensar em como eu poderia ajudar as pessoas, e, de repente, me senti muito arrogante. Quem sou eu para ajudar alguém? Porque, no final, acho que fui mais ajudado do que eles. Mesmo se tudo tivesse dado errado, ainda poderíamos ser como eles. E eles são lindos, são ótimas pessoas. Eles apenas não tiveram muita sorte. Mas vamos mudar isso." Aqui podemos perceber como a teoria emocional da ação, proposta por Souza, se faz coesa e sensata, já que o artista chega aos mesmos questionamentos que o autor através de seu trabalho. Já está sentimentalmente ligado aos catadores, sua vida não é mais a mesma e consegue entender o meio desses indivíduos a ponto de se ver nele e querer mudar esse cenário para os seus amigos.

Foi precisamente para esclarecer de modo diverso essas questões fundamentais que nos propusemos a formular o que nos parece ser o primeiro esforço refletido, no âmbito da sociologia brasileira, de elaborar uma teoria social da ação que possa dar conta da complexidade da condição periférica e moderna. (SOUZA, 2006, p.14)

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Apesar de nos oferecer um retrato fiel aos conceitos trabalhados por Jessé Souza no campo da sociologia brasileira nos últimos anos, a obra tem papel significativo para a atual conjuntura do debate sobre classes sociais no Brasil, oferecendo uma perspectiva bem ampla e completa sobre como nossa sociedade foi formada enquanto coletivo. O filme deu alta visibilidade para a causa dos catadores, mas sua principal conquista é a forma como os

humanizam, retratando-os como pessoas com sonhos, aspirações e emoções. Isis, Zumbi, Sebastião, Valter, "Irmã", Magna e Suelem são pessoas incrivelmente resilientes, que enfrentam condições adversas e encontram beleza e esperança em meio ao que muitos consideram como lixo.

A abordagem colaborativa de Vik Muniz é um elemento central na narrativa do documentário. O artista plástico busca a possibilidade de mudar a vida de um grupo de pessoas por meio do material que elas lidam no dia a dia, as levando para fora de sua realidade e mostrando um novo mundo através de sua arte. Ele se aproxima dos catadores com o intuito de envolvê-los no processo criativo de seu projeto e ajudá-los a entender o valor e o potencial artístico em seu trabalho. Isso não apenas valorizou o trabalho e o conhecimento desses indivíduos, mas também permitiu que eles se enxergassem como agentes de transformação social. Seu objetivo era trabalhar a perspectiva não só dos catadores, mas também do público ao utilizar o material encontrado no aterro como base para suas obras e colocar os trabalhadores como centro das representações. Essa experiência transformadora revelou a capacidade de arte para transcender fronteiras e desafiar preconceitos.

A cinematografia do filme desempenha um papel significativo na representação visual do ambiente do aterro e nas obras de arte criadas. A direção de fotografia capta as paisagens desoladas e a vastidão do lixão, contrastando com a beleza e a poesia encontradas nas imagens das obras artísticas finalizadas. A edição é bem executada e proporciona um contraste entre a imensidão do aterro e a intimidade das histórias pessoais dos catadores, criando uma tensão narrativa eficaz. Enquanto as histórias são contadas pelos próprios catadores, a câmera foca em seus rostos, revelando suas expressões e emoções. Esse protagonismo humaniza e desmarginaliza essas pessoas, além de fornecer insights valiosos sobre o processo artístico, as motivações dos personagens e as questões sociais e ambientais relacionadas ao trabalho no aterro. A montagem habilidosa permite explorar esses insights, como a desigualdade social e a marginalização. Ela coloca em

evidência como os catadores de lixo são frequentemente estigmatizados e invisibilizados, enfrentando discriminação e condições de trabalho precárias, mas também o lado reflexivo de Muniz com o processo criativo em meio àquela nova realidade. A trilha sonora complementa a narrativa, evocando uma gama de emoções que vão desde a tristeza até a esperança. A combinação desses elementos técnicos contribui para a criação de uma experiência cinematográfica envolvente e impactante.

"Lixo Extraordinário" é uma obra cinematográfica poderosa que nos lembra da importância de olhar além das aparências e reconhecer o valor de cada ser humano, independentemente de sua ocupação ou condição social. É uma obra que deixa uma marca duradoura em quem a assiste, despertando a consciência para questões urgentes de nosso tempo. Vai além de um filme sobre catadores de material reciclável. É um chamado à ação, nos desafiando a repensar nossa relação com o consumo, o desperdício e as desigualdades sociais. Ele nos convida a olhar além do lixo e a reconhecer o valor e a humanidade nas pessoas que trabalham nesse contexto. É um testemunho comovente da força do espírito humano e da capacidade da arte de criar conexões profundas e transformadoras.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SOUZA, J. (2004). A gramática social da desigualdade brasileira. *Revista brasileira de ciências sociais*, 19, 79-96.

<https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/s9LNMxTYm6KRFPJxwmrvwPq/?format=pdf&lang=pt> (27/03/2023)

SOUZA, Jessé (2009). "A ralé brasileira: quem é e como vive. Colaboração de André Grillo et al. Belo Horizonte: Editora da UFMG.

SOUZA, Jessé (Org.) (2006). A invisibilidade da desigualdade brasileira. Belo Horizonte: Editora da UFMG.

QUE HORAS ELA VOLTA?. Direção: Anna Muylaert. Produção de Anna Muylaert, Fabiano Gullane, Caio Gullane, Debora Ivanov e Guel Arraes. Brasil: Globo Filmes, Gullane Filmes e África Filmes, 2015.

O SOM AO REDOR. Direção: Kleber Mendonça Filho. Produção de Emilie Lesclaux. Brasil: Cinemascópio, 2012.

## 2. MORTE E VIDA SEVERINA: ANÁLISE CRÍTICA DA OBRA ATRAVÉS DAS MIGRAÇÕES NORDESTINAS NO BRASIL

*Leticia Cerdeira Ramos Gerssiano*

### RESUMO

O artigo aborda a migração nordestina no Brasil, desde o século XIX até os dias atuais. Ele destaca a migração para a região Amazônica durante o ciclo da borracha e a intensa migração para o Sudeste, especialmente para São Paulo e Rio de Janeiro, durante o auge da industrialização. O livro "Morte e Vida Severina", de João Cabral de Melo Neto, é mencionado como uma obra que retrata a migração nordestina, mostrando a busca por uma vida melhor e as dificuldades enfrentadas pelos migrantes. A narrativa do livro revela a desumanização e a perda de identidade dos migrantes, além de abordar as consequências sociais e culturais das migrações. O texto também faz uma análise crítica do estilo poético do autor, do contexto histórico e político do Brasil e das migrações nordestinas.

**Palavras-chave:** Migração nordestina; Morte e Vida Severina; João Cabral de Melo Neto; Regionalismo; Desigualdade social.

### INTRODUÇÃO

A migração nordestina no Brasil ocorre desde o século XIX, quando com início do "Primeiro Ciclo da Borracha", um momento da história econômica e social do país, relacionado com a extração de látex da seringueira e comercialização da borracha, em 1879, onde os nordestinos migraram para a região da Amazônia. A estagnação econômica, as constantes secas, em contraste com a prosperidade econômica de outras regiões do Brasil, foram fatores determinantes no início do processo migratório nordestino (FERRARI, 2005).

Com o auge da industrialização do Brasil, entre as décadas de 1950 e 1970, a migração nordestina para a região Sudeste, em especial para os estados de São Paulo e Rio de Janeiro, foi intensa, tornando as capitais destes estados grandes polos de atração para essas populações. Apesar da considerável queda de migrantes no final da década de 1980, ainda hoje, o estado de São Paulo é visto como “o lugar mais nordestino fora do Nordeste”, com cerca de 5 milhões de migrantes, segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

Na obra literária “Morte e Vida Severina” de João Cabral de Melo Neto (1920 – 1999), escrita entre 1954 e 1955, o autor retrata essa busca por uma vida melhor, onde seu personagem principal, um Severino, como todos os outros, vai da Caatinga à Recife, em busca de oportunidades de trabalho.

O livro estabelece uma relação profunda com as migrações nordestinas ao retratar a jornada de seu personagem principal, um retirante nordestino, em busca de uma vida melhor. A obra aborda as migrações como uma resposta direta às condições precárias de vida enfrentadas pelos trabalhadores rurais na região Nordeste do Brasil, onde, impulsionados pela seca, fome, pobreza e falta de oportunidades, são obrigados a deixar suas terras em busca de sobrevivência. Essa migração em massa é retratada de forma crua e realista no livro. O autor mostra a dura jornada de Severino, que enfrenta inúmeras dificuldades e adversidades durante sua caminhada em direção ao litoral. (COSTA,2021)

A narrativa de "Morte e Vida Severina" revela a desumanização e a perda de identidade dos migrantes. Através da linguagem precisa e das descrições impactantes, João Cabral de Melo Neto apresenta a experiência coletiva desses migrantes, destacando a falta de acolhimento, as condições precárias de vida e a marginalização a que são submetidos. Além disso, o livro também aborda as consequências sociais e culturais das migrações. O autor retrata a perda dos laços familiares, das tradições e do sentido de pertencimento, à medida que os retirantes são confrontados com uma realidade desconhecida e hostil.

Ao explorar as migrações nordestinas, o livro revela as complexidades e as injustiças sociais que levam as pessoas a abandonar suas terras em busca de uma vida melhor. A obra evidencia as condições desfavoráveis enfrentadas pelos migrantes e lança um olhar crítico sobre as estruturas sociais e políticas que perpetuam a desigualdade regional no Brasil.

Este artigo tem como objetivo analisar a obra literária “Morte e Vida Severina” através do estilo poético do autor, contexto histórico e político no país, regionalismo e migrações nordestinas durante o decorrer das décadas.

## **ANÁLISE CRÍTICA**

### **A HISTÓRIA DE VIDA E LEGADO DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO**

João Cabral de Melo Neto foi um poeta, escritor e diplomata brasileiro. Ficou conhecido como "poeta engenheiro", pela lapidação, cálculo e objetividade de seu trabalho com os versos (BRANDINO, 2023).

Mesmo fazendo parte da terceira geração modernista no Brasil, conhecida como "Geração de 45" (1945 - 1980), onde a tradição clássica volta à tona, criando um novo estilo nacional e, consagrando diversos nomes na literatura brasileira como Clarice Lispector, Guimarães Rosa, Lygia Fagundes e Ariano Suassuna (Brasil Paralelo, 2022), Cabral de Melo Neto cria seu próprio estilo de escrita, e assim, se destaca no meio de seus companheiros de trabalho.

Nascido em Recife, seus pais faziam parte de uma família tradicional que pertencia à elite açucareira. Crescendo ao redor de familiares bacharéis e advogados, João Cabral sonhava em ser jogador de futebol, e até mesmo chegou a ser um craque juvenil aos 15 anos de idade. Já adulto, se apaixonou pela literatura e mudou-se para a cidade do Rio de Janeiro, onde conheceu diversos intelectuais, dentre eles Carlos Drummond de Andrade, um poeta e cronista brasileiro, considerado um dos mais influentes poetas brasileiros do século XX, que acabou se tornando uma grande referência para João, além de um grande amigo (PRADO, 2021).

Apesar de se recusar a frequentar qualquer universidade, ele prestou concurso no Itamaraty, órgão do Poder Executivo, responsável pelo assessoramento do Presidente da República na formulação, no desempenho e no acompanhamento das relações do Brasil com outros países e organismos internacionais, e aos 25 anos de idade, ingressou na carreira diplomática (Academia Brasileira de Letras, 2023).

Enquanto residia em Londres, João Cabral de Melo Neto foi acusado de criar uma "célula comunista" por Getúlio Vargas durante a Ditadura Militar, e acabou afastado do Ministério das Relações Exteriores no ano de 1952, podendo voltar ao órgão apenas em 1955, quando volta a viver no Brasil. (PRADO, 2021).

Eleito membro da Academia Brasileira de Letras (ABL) em 1968, passa a ocupar a cadeira de número 37, antes ocupada pelo jornalista Assis Chateaubriand, considerado um dos maiores nomes do jornalismo brasileiro. Com diversos prêmios durante toda sua carreira, João Cabral de Melo Neto foi o primeiro brasileiro a ganhar um Prêmio Camões, considerado o maior prêmio de literatura da língua portuguesa, no ano de 1990 (ILHÉU, 2019).

João Cabral de Melo Neto morreu em 9 de outubro de 1999, aos 79 anos de idade, na cidade do Rio de Janeiro, vítima de um ataque cardíaco. O autor deixou cinco filhos e um legado literário que é referência até os dias de hoje.

## **MORTE E VIDA SEVERINA**

Clássico da literatura brasileira, o poema "Morte e Vida Severina" de João Cabral de Melo Neto logo foi adaptado para o teatro, a televisão, o cinema e transformado em desenho animado.

A história acompanha Severino, um nordestino que resolve tentar mudar de vida e vai em direção ao litoral e ao sudeste do Brasil, esperançoso de que no caminho não encontre mais a fome, a miséria e a opressão com as quais foi forçado a se habituar.

A obra ganhou sua primeira adaptação em 1977, com um filme homônimo estrelado por José Dumont (Memória Globo, 2021). O ator é responsável por dar vida à Severino, que logo faz com que o espectador crie uma empatia e até mesmo se identifique com o personagem. Ao transformar o poema em um filme, o diretor Zelito Viana utiliza uma mistura de ficção com realidade, trazendo trechos da obra de João Cabral, depoimentos de pessoas reais, além de também utilizar de diversos atores interpretando várias versões de Severino, mostrando que todos conseguem se identificar com o viajante (FUKS, 2017).

A morte, sempre muito presente, é uma constante lembrança que a busca pelo novo é a busca pela vida. Enquanto tem seus pés calejados queimados pelo chão seco, Severino sempre está com um ar de esperança e brilho no olhar. Fazendo de tudo para conseguir novas oportunidades pelo caminho percorrido, o viajante sempre está disposto a fazer de tudo por aqueles que encontra pelo caminho (DIANA, 2023).

Outro elemento muito presente no filme, a música, transporta o público para uma parte mais lúdica da obra. Com uma trilha sonora composta por Chico Buarque, a melodia expõe os problemas de uma população não vista, enquanto entretém o telespectador. (DIANA, 2023).

Sendo, acima de tudo, um texto um tanto quanto pessimista, enquanto os dramas reais de milhares de nordestinos, a esperança também está sempre presente. No longa também não é diferente, e após perder sua fé em uma vida melhor, Severino logo é puxado de volta ao seu propósito de vida. Ao decidir lutar por seus direitos e por seus iguais, Severino nos mostra que a ficção não é tão diferente da realidade, onde vemos milhares de pessoas todos os dias sendo obrigadas a conviver em condições precárias e, mesmo assim, com a esperança de uma vida melhor e, no fim de tudo, encontrar finalmente a paz.

## **NAS ENTRE LINHAS DE MORTE E VIDA SEVERINA**

### **CONTEXTO HISTÓRICO E POLÍTICO**

Após o fim da Segunda Guerra Mundial (1939 - 1945), o otimismo tocou conta do mundo, e com isso, diversos artistas também colocaram esse sentimento em suas obras. No Brasil, o ano de 1945 também marcou o fim da Era Vargas, que durara 15 anos governando o país. Durante a década de 1950, a classe artística brasileira passou pela reforma democrática vivida pelo país, onde a literatura, a pintura, o cinema, a música, a arquitetura passavam por um momento de renovação. Enquanto os autores colocavam suas ideias otimistas no papel, João Cabral de Melo Neto se destacou com sua escrita métrica e regular, fugindo de qualquer tipo de sentimentalidade. (SILVA, 2023)

No entanto, o período também foi marcado por uma série de desafios e contradições sociais. Apesar do crescimento econômico, o país ainda sofria com altos níveis de pobreza, desigualdade social e problemas estruturais. A região Nordeste, em particular, enfrentava condições precárias de vida para a população rural, que sofria com a seca, a fome e a falta de oportunidades.

É dentro desse contexto social e político que João Cabral de Melo Neto escreveu "Morte e Vida Severina". O poema dramático retrata a dura realidade dos retirantes nordestinos, pessoas que abandonam suas terras em busca de condições de vida melhores. A obra narra a jornada de Severino, personagem que representa o povo nordestino, em sua busca por sobrevivência em meio à seca e à miséria.

### **REGIONALISMO E CRÍTICA SOCIAL**

A obra de João Cabral de Melo Neto retrata a realidade dos retirantes nordestinos e expõe as dificuldades enfrentadas por eles, como a pobreza, a seca e a falta de perspectivas. Pode-se analisar como o autor utiliza a linguagem poética para denunciar as desigualdades sociais e as condições precárias de vida dessas pessoas.

O regionalismo presente na obra se manifesta tanto na linguagem utilizada pelo autor, que busca refletir o modo de falar e as expressões características do Nordeste brasileiro, quanto na descrição detalhada dos cenários e da cultura local. João Cabral de Melo Neto utiliza elementos típicos da região Nordeste, como o sertão árido, a seca, a fome, as festas populares e a religiosidade, para ambientar a história e transmitir a dureza da vida dos retirantes.

A crítica social é um dos aspectos mais marcantes de "Morte e Vida Severina". O livro denuncia as condições desfavoráveis enfrentadas pelos trabalhadores rurais nordestinos, explorados por latifundiários e sem acesso a recursos básicos para sobrevivência. A miséria, a fome, a falta de oportunidades e a falta de esperança são temas recorrentes na narrativa, revelando a injustiça social e a desigualdade presente na região.

Ao retratar a jornada de Severino, personagem principal, o autor expõe as dificuldades e as adversidades enfrentadas pelos retirantes em busca de uma vida melhor. A obra descreve a desumanização e a morte simbólica dessas pessoas, mostrando a perda de identidade e de dignidade causada pela pobreza e pelas condições desfavoráveis.

"Morte e Vida Severina" representa, assim, uma crítica contundente à realidade social e política do Nordeste brasileiro e do país como um todo. Através de sua linguagem precisa e de sua abordagem realista, João Cabral de Melo Neto expõe as injustiças sociais, a exploração dos trabalhadores e as desigualdades regionais, buscando despertar a consciência e a reflexão sobre essas questões. A obra tornou-se um importante marco na literatura brasileira ao abordar temáticas sociais e regionais de forma contundente e poética.

João Cabral foi um dos escritores brasileiros que mais se sensibilizou com os nordestinos, talvez por ser natural daquela região, mas também por se preocupar, por querer mostrar uma realidade tão próxima, tão árida e tão triste, mas que poucos enxergam. (DEZIDERO, 2015).

## **LENDO MORTE E VIDA SEVERINA**

"Morte e Vida Severina" recebeu aclamação crítica desde o seu lançamento. A obra é considerada uma das mais importantes da literatura brasileira do século XX e recebeu diversas análises e interpretações por parte dos críticos literários.

Antônio Candido, crítico literário brasileiro, descreveu "Morte e Vida Severina" como "uma das maiores realizações da poesia moderna brasileira". Candido elogiou a habilidade de João Cabral de Melo Neto em retratar a realidade nordestina com precisão e poesia, destacando a força da crítica social presente na obra.

Roberto Schwarz, crítico literário e ensaísta brasileiro, considerou o livro uma obra-prima da literatura engajada. Ele ressaltou a capacidade do autor de unir a dimensão social e política à expressão poética, afirmando que o trabalho é uma crítica contundente à desigualdade e à injustiça social.

Alfredo Bosi, crítico literário brasileiro, enfatizou a dimensão épica e lírica da obra. Ele destacou a construção rigorosa do poema e a sua capacidade de evocar imagens marcantes, considerando-o um retrato sensível da vida e da morte dos retirantes nordestinos. (BOSI, 1970)

A obra é frequentemente elogiada pela sua representação realista e poética da condição do povo nordestino, bem como pela sua habilidade em combinar crítica social e qualidade estética.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

"Morte e Vida Severina" expõe a realidade dura e muitas vezes desesperadora das migrações nordestinas. O autor retrata as perdas e os sacrifícios enfrentados pelos retirantes, incluindo o rompimento de laços familiares, a desestruturação das comunidades e a luta por sobrevivência em um ambiente desconhecido.

Além disso, o livro também aborda as consequências culturais e sociais das migrações, explorando a perda da identidade cultural dos migrantes, à medida que eles são confrontados com novas realidades e se afastam das tradições e do modo de vida que conheciam.

Dessa forma, a obra estabelece uma profunda relação com as migrações nordestinas, revelando as dificuldades, os desafios e as transformações enfrentadas pelos retirantes em busca de uma vida melhor. Ela destaca a condição desfavorecida dos trabalhadores rurais e expõe a desigualdade social e as disparidades regionais presentes no Brasil.

Ao longo da elaboração deste artigo e das pesquisas realizadas, é evidente que o ato de “migrar” ainda é uma das opções mais buscadas pela população nordestina no país. Seja para uma cidade próxima, ou para outro estado, a busca por uma boa qualidade de vida e mais oportunidades de emprego são os principais motivos que fazem com que essas pessoas larguem suas casas, famílias e redes de apoio em busca do novo e desconhecido.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Academia Brasileira de Letras. "**João Cabral de Melo Neto**". Academia Brasileira de Letras. 2023. Disponível em:

<https://www.academia.org.br/academicos/joao-cabral-de-melo-neto/biografia>.

2023. Acesso em: 10 de maio de 2023.

Algo Sobre. "**Morte e Vida Severina**". Algo Sobre. Disponível em:

<https://www.algosobre.com.br/resumos-literarios/morte-e-vida-severina.html>.

2023. Acesso em: 01 de junho de 2023.

BRANDINO, Luiza. "**João Cabral de Melo Neto**"; Brasil Escola. Disponível em:

<https://brasilecola.uol.com.br/literatura/joao-cabral-melo-neto-sua-engenhosidade-poetica.htm>. Acesso em 24 de abril de 2023.

Brasil Paralelo. "**A terceira fase do modernismo - A fase que rompeu com a revolução, o retorno à tradição**". Brasil Paralelo. Disponível em:

<https://www.brasilparalelo.com.br/artigos/terceira-fase-do-modernismo>. 2022.

Acesso em: 24 de abril de 2023.

BOSI, Alfredo. "**História Concisa da literatura brasileira**". S. Paulo, Cultrix, 1970, p. 523.

COSTA, Thatiane. "**Vidas Secas e Morte e Vida Severina: Um Estudo Comparativo**". Tefé. UEA. Disponível em:

<<http://repositorioinstitucional.uea.edu.br/bitstream/riuea/3144/1/Vidas%20secas%20e%20morte%20e%20vida%20severina%20um%20estudo%20comparativo..pdf>> 2019. Acesso em: 14 de junho de 2023.

COSTA, Thiago. "**Literatura e análise social: morte e vida severina como referência de interpretação sociológica**". Araraquara. UNESP. Disponível em:

<<https://periodicos.fclar.unesp.br/semaspas/article/view/13662>> . 2021.

Acesso em: 12 de junho de 2023.

DIANA, Daniela. "**Morte e Vida Severina**". Toda Matéria. Disponível em:

<<https://www.todamateria.com.br/morte-e-vida-severina/>>. 2023. Acesso em:

10 de abril de 2023.

DEZIDERO, Débora Bueno Brochado. "**Morte e vida Severina: um universo simbólico**".[S. l.: s. n.], 2015.

FERRARI, Monia. "**A migração nordestina para São Paulo no segundo governo Vargas (1951-1954) – Seca e desigualdades regionais**". São Carlos. UFSCar. 2005.

FRIZON, Marcelo. "**Morte e Vida Severina e o Super-Regionalismo**". Rio de Janeiro. UFRJ. Disponível em:

<<https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/view/37874>> 2005. Acesso em: 12

de junho de 2023.

FUKS, Rebeca. "**Morte e Vida Severina: análise e interpretação**". Cultura Genial. Disponível: <<https://www.culturagenial.com/vida-e-morte-severina-de-joao-cabral-de-melo-neto/>>. 2017. Acesso em: 10 de abril de 2023.

ILHÉU, Taís. "**Conheça os treze brasileiros premiados com o Camões**".

Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/atualidades/conheca-os-treze-brasileiros-premiados-com-o-camoes>.

2019. Acesso em: 31 de maio de

2023.

Memória Globo. "**Morte e Vida Severina**". Memória Globo. Disponível em:

<<https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/especiais/morte-e-vida->

[severina/noticia/morte-e-vida-severina.ghtml#ancora\\_1](#)>.2021. Acesso em: 18 de março de 2023.

PRADO, Luiz. "**Biografia entrelaça vida e obra de João Cabral de Melo Neto**". Jornal da USP. Disponível em: <https://jornal.usp.br/cultura/biografia-entrelaca-vida-e-obra-de-joao-cabral-de-melo-neto/>. 2021. Acesso em: 10 de maio de 2023.

PINOTTI, Fernando. "**O que é o prêmio Camões, entregue por Lula a Chico Buarque nesta segunda (24)**". Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/o-que-e-o-premio-camoes-entregue-por-lula-a-chico-buarque-nesta-segunda-24/>. 2023. Acesso em: 31 de maio de 2023.

SILVA, Daniel. "**Era Vargas**". Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/historiadobrasil/era-vargas.htm>> 2023. Acesso em: 14 de junho de 2023.

### 3. A CRIAÇÃO DA IMAGEM DO RETIRANTE NORDESTINO NA PRODUÇÃO CULTURAL

*Matheus Pereira Do Nascimento*

#### RESUMO

Este artigo científico apresenta uma análise da formação da imagem do retirante nordestino na produção cultural brasileira, destacando a difusão desse tema por meio da literatura e do cordel. O estudo estabelece um paralelo entre o escritor Graciliano Ramos e sua obra *Vidas Secas*, enfocando especificamente o personagem Fabiano, e o cordelista contemporâneo Braúlio Bessa. O objetivo principal é compreender como esses dois autores contribuíram para a valorização da identidade nordestina e para a construção da imagem do retirante na cultura brasileira. A pesquisa utiliza análises comparativas entre as obras literárias e a trajetória dos artistas, explorando elementos como o contexto histórico, social e cultural em que as produções foram desenvolvidas.

**Palavras-chave:** retirante, literatura, nordeste brasileiro, cultura.

#### INTRODUÇÃO

A imagem e a representação cultural fazem parte da “brasilidade” que envolve os processos migratórios. No contexto brasileiro, a figura do retirante transcende o significado etimológico da palavra e está associada ao sertanejo nordestino, especialmente devido às secas que assolaram a região em diferentes momentos do século XX. Essas migrações foram motivadas por causas naturais, políticas ou sociais, e a figura do sertanejo se tornou amplamente difundida na imaginação popular brasileira.

Quando usamos o conceito seca do Nordeste, imediatamente remetemos o ouvinte para um aglomerado de imagens, para um conjunto de figuras, que remetem, por sua vez, para dados

tempos e para dados acontecimentos históricos. (ALBUQUERQUE JR, 2016, p.227).

Quando discutimos a questão da imagem e da interpretação do homem, é importante considerar como ele é observado por meio de sua bagagem cultural e histórica. Essa "identidade cultural" está intimamente relacionada ao ambiente geográfico em que o indivíduo está inserido. De acordo com Berger e Luckmann (1966), o homem é pressionado duplamente, pois, ao mesmo tempo em que constrói sua realidade social, ele por ela é influenciado.

Ao analisarmos a realidade social do retirante nordestino no século XX, encontramos um legado de falta de políticas públicas. Desde a formação territorial com as capitâneas hereditárias, que favoreceram as oligarquias em detrimento da vontade popular, até o declínio do ciclo da cana-de-açúcar, houve uma enorme concentração de renda.

Essa intensa concentração de poder e riqueza, juntamente com a falta de representatividade política, deu origem ao que chamamos de "Indústria da Seca"<sup>4</sup>. Esse fenômeno ocorreu durante a seca de 1877 e continuou durante os períodos de estiagem na primeira metade do século XX. Mesmo prejudicados pela falta de água, o coronelismo enxergou a oportunidade de lucrar com a situação trágica, tornando ainda mais difícil a sobrevivência das camadas menos favorecidas e forçando-as a fugir em busca da manutenção de suas vidas e do direito de existir.

Em outras palavras, se analisarmos os contextos migratórios sob a ótica de Berger e Luckmann (1966), perceberemos que, enquanto o retirante busca novas perspectivas para fugir da seca, da falta de açudes e para garantir a subsistência de sua família, ele é reprimido pelo ambiente geográfico em que vive.

---

<sup>4</sup> A expressão "indústria da seca" no contexto do Nordeste brasileiro refere-se a um sistema que se aproveita das condições adversas da região, como a escassez de água e a pobreza, para obter benefícios econômicos e políticos.

No contexto cultural brasileiro, ser um retirante não se limita a um papel social atribuído ao sertanejo nordestino que enfrenta as consequências da seca. Na verdade, é uma característica fundamental na formação da sociedade brasileira contemporânea, que envolve elementos além da vulnerabilidade social do indivíduo e aborda questões interpessoais dos sertanejos. Para Coelho, (2015) a trajetória do retirante nunca esteve ligada apenas ao nordeste, mas sim na sua caminhada. Ou seja, podemos concluir que o retirante é mais do que apenas seca, ele é um indivíduo que contribui e muito para a pluralidade cultural no país, mesmo que por conta do flagelo da seca.

E na produção cultural, essas características são evidentes em diversas obras, seja na literatura, artes plásticas, música ou audiovisual, elas procuram retratar as peculiaridades e dilemas enfrentados pelos retirantes.

Na pintura, Portinari, em sua série de quadros "Os Retirantes" (1944), retratou de forma detalhada o ambiente ermo em que os migrantes se encontravam, utilizando cores sombrias ambientando a angústia e o desespero. Além disso, o artista conseguiu transmitir a sensação de isolamento e solidão, que muitas vezes acompanha os retirantes em suas jornadas. Já no campo literário, em "Vidas Secas" (1938), Graciliano Ramos aborda as consequências sociais de se viver no Nordeste brasileiro, explorando o dilema familiar dos processos migratórios. O autor descreve as dificuldades enfrentadas pelos personagens em busca de sobrevivência e retrata a dura realidade da vida no sertão nordestino. Além disso, a obra aborda temas como a injustiça social, a exploração do trabalhador rural e a falta de oportunidades de educação e crescimento. Tanto a pintura de Portinari quanto o romance de Graciliano Ramos buscam transmitir as particularidades da vida dos retirantes em meio a luta pela subsistência.

A descrição deste modo de vida peculiar do retirante no Brasil é frequentemente feita por meio da personificação<sup>5</sup>, independentemente do campo em que ocorra a reprodução sociocultural. Embora isso permita uma conexão emocional rápida e catártica com a obra, pode levar a uma

---

<sup>5</sup> Personificação é o ato ou efeito de personificar, a pessoa interpreta ou representa de modo perfeito uma ideia ou alguma coisa de teor abstrato

simplificação excessiva e perpetuação de estereótipos, criando uma sub-realidade parcialmente verídica. Também é importante entender que, embora haja uma coletânea de obras na cultura brasileira sobre o tema, a maioria delas foi escrita pela elite intelectual. Isso significa que, apesar da aparente autenticidade, há uma construção subjetiva que impacta diretamente na formação de opinião do público.

O objetivo deste artigo científico consiste em examinar as mudanças ocorridas na figura do retirante nordestino no contexto brasileiro, analisar as diversas representações culturais ao longo do tempo e destacar a sua relevância na formação da sociedade brasileira contemporânea.

Portanto, para abordar os desafios da representação cultural do migrante e da imagem do retirante nordestino na sociedade brasileira, este artigo utilizará a metodologia de estabelecer um paralelo entre as variações da percepção imagética ao longo do tempo. Serão escolhidos como objetos de análise o personagem Fabiano do romance *Vidas Secas* de Graciliano Ramos (1938) e o cordelista contemporâneo Braúlio Bessa. A análise será feita através da construção histórica de suas imagens, considerando as variações ocorridas em diferentes momentos históricos. Também serão levados em conta a importância sócio-cultural atribuída a essas figuras e a percepção que a sociedade brasileira tem delas. Através dessa metodologia, será possível identificar as mudanças e permanências na construção da imagem do retirante nordestino na produção cultural brasileira.

## **GRACILIANO RAMOS: O RETIRANTE NORDESTINO NO SÉCULO XX**

### **INÍCIO DA REPRESENTAÇÃO CULTURAL DO RETIRANTE NA LITERATURA**

O alagoano Graciliano Ramos foi um dos pioneiros a inserir na literatura a construção da imagem do retirante no Brasil. Embora não tenha sido um "retirante" como a figura idealizada pelo imaginário popular brasileiro, ele teve

um contato muito próximo com o sertão nordestino e a realidade do sertanejo durante sua infância e adolescência em Alagoas<sup>6</sup>.

Sua escrita é marcada pela representação da seca, desigualdade e violência, com tom de denúncia social, utilizando sua posição na sociedade para expor as mazelas do interior do Brasil. E ao buscar escrever algo que representasse o Nordeste, especialmente o sertão, Graciliano Ramos destacava a concepção de um Brasil autêntico, em contraposição a uma visão caricata e moderna do país (MELO, 2005).

E o escritor não se limitou a apenas um livro sobre essa temática. Durante uma década, que compreende o período entre 1930 e 1940, ele publicou quatro obras que abordam o mesmo assunto, como: Caetés (1933), São Bernardo (1934), Angústia (1936) e a obra de maior repercussão, Vidas Secas (1938).

Do pequeno universo destas pessoas, Graciliano conseguia trazer à luz todo tipo de miséria vivida pelas famílias pobres que perambulavam pelo sertão, de conflitos e de opressão permanente, bem como o fatalismo de uma visão marcada por desgraças de toda ordem. (MELO, 2005, p. 380,381)

## **A REPRESENTAÇÃO CULTURAL DA VIOLÊNCIA DA SECA**

A violência da seca é uma característica recorrente na região Nordeste, independentemente do período histórico, manifestando-se em várias formas, como a disputa por água, alimentos e terras, a exploração dos trabalhadores rurais e a dominação política pelos coronéis.

Na literatura, a violência da seca foi inicialmente retratada como um "estandarte de ouro" na representação cultural dos retirantes, considerando a necessidade de expor a realidade nordestina ao resto do país e sendo uma parte significativa de influência do movimento do realismo brasileiro<sup>7</sup> na literatura.

---

<sup>6</sup> Graciliano Ramos nasceu em Quebrangulo, município do estado brasileiro de Alagoas.

<sup>7</sup> O realismo brasileiro, que floresceu durante o fim do século XIX, foi um movimento literário marcado pela representação objetiva da realidade social, política e cultural do Brasil da época.

Na obra *Vidas Secas*, Graciliano Ramos descreve os impactos sociais e psicológicos da seca em uma família e em seu ambiente. Desde o início da obra, o autor incentiva o leitor a visualizar essas consequências na natureza e na vida humana, que ele descreve como dura e difícil.

"Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco" (RAMOS, 2013, p. 06).

Além da representação geográfica e dos impactos físicos, o autor retrata como a seca e a opressão econômica violavam os personagens de forma psicológica, provocando um estado de desespero e estimulando a incerteza do futuro e mesmo em períodos em que a seca dava uma certa "trégua" a violência imposta por ela seguia de forma implacável ocasionando episódios de confusão mental e paranoia que afligia, sobretudo, o chefe da família.

Fabiano passara semanas capiongo, fantasiando vinganças, vendo a criação definhar na caatinga torrada. Se a seca chegasse, ele abandonaria mulher e filhos, coseria a facadas o soldado amarelo, depois mataria o juiz, o promotor e o delegado. Estivera uns dias assim murcho, pensando na seca e roendo a humilhação. (RAMOS, 2013, p.24)

No entanto, a seca e seus efeitos não eram apenas causados por condições naturais, geográficas e ambientais, mas também refletiam a influência do coronelismo<sup>8</sup>, uma indústria financiada pelos coronéis locais. A migração em massa de sertanejos em direção ao Sudeste gerou dificuldades para a elite política nordestina, que, diante da gravidade da situação, enfrentou incertezas e falta de ações concretas (Villa, 2017). Portanto, apesar da migração ser um movimento que tem como base a subsistência, ela foi, ainda que de forma indireta, uma resposta política.

## **FABIANO, A PERSONIFICAÇÃO DO RETIRANTE NO SÉCULO XX**

Em *Vidas Secas*, Graciliano Ramos elabora uma representação singular ao retratar a trajetória e simbolismo do retirante nordestino. Nesse contexto, o

---

<sup>8</sup> O coronelismo brasileiro foi um sistema político caracterizado pelo poder exercido por fazendeiros influentes, conhecidos como coronéis, em regiões rurais do Brasil.

individualismo é substituído pela história familiar protagonizada por Fabiano, sua esposa, Sinhá Vitória, seus dois filhos e a cadela Baleia.

Fabiano é um personagem emblemático que representa a figura do chefe de família e o sertanejo em busca da subsistência<sup>9</sup>, oprimido pelo meio em que vive e refém da exploração da elite econômica. Graciliano consegue, assim, personificar em Fabiano a realidade de vários retirantes nordestinos e ambientar à época o sofrimento vivenciado por eles. Fabiano, o protagonista, carrega consigo o peso da tradição sócio-histórica da vida do sertanejo, que é uma continuação das relações sociais opressivas. Esse peso é o que sempre o leva a uma imutabilidade diante da realidade (BARBOSA JUNIOR, 2018).

Ao longo do enredo, o autor evidencia a luta de Fabiano contra o meio e projeta ao leitor a percepção do homem rude, indignado, sem propriedade e usurpador da terra alheia que anseia por mudanças e tem desprezo pela sua situação. Esse desprezo não se limita ao espaço psicológico ou geográfico, mas envolve todo o contexto entre os principais atores da aristocracia local, onde a repulsa, a indignação com a miséria e os pensamentos inconstantes sobre si são algumas das principais características desse primeiro momento em que a representação do que é ser um sertanejo retirante ganha projeção dentro da literatura.

E pensando bem, ele não era homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros. Vermelho, queimado, tinha os olhos azuis, a barba e cabelos ruivos; mas como vivia em terra alheia, cuidava de animais alheios, descobria-se, encolhia-se na presença dos brancos e julgava-se cabra. (RAMOS, 2013, p.09)

Além disso, a preocupação familiar e as relações parentais também são objetos de profundos arcos de desenvolvimento por parte do autor. Para o sertanejo, a família era o único bem inalienável<sup>10</sup> neste momento de dor em que sua integridade era posta em cheque. Essa atitude é evidente ao longo do

---

<sup>9</sup> Subsistência é um termo que refere-se à capacidade de prover o necessário para a sobrevivência, como alimentação, abrigo e recursos básicos.

<sup>10</sup> O termo "inalienável" refere-se a algo que não pode ser transferido, vendido ou renunciado. Indica um direito, liberdade ou propriedade que é intrínseco e inseparável de uma pessoa, não podendo ser retirado ou usurpado por outros.

romance, em que Fabiano se preocupa constantemente com o bem-estar de sua família. Essa cautela pode ser observada quando, por várias vezes, ele desconfia de estranhos, sente a necessidade de proteger e ensinar seus filhos e passa por dilemas psicológicos, mas não transmite isso para a família.

Indispensável os meninos entrarem no bom caminho, saberem cortar mandacaru para o gado, consertar cercas, amansar os brabos. Precisavam ser duros, virar tatus. (RAMOS, 2013, p.11)

Apesar dessa certa "humanidade", o próprio autor representa o personagem por diversas vezes como um bicho, e esse processo de zoomorfização<sup>11</sup> de Fabiano não lhe parece algo ruim, ele mesmo considerava como uma forma de bravura e resistência (Ramos, 2013). Porém, por diversas vezes, a variação de sentimento "você é bicho, Fabiano" ou "você é homem, Fabiano" expõe o dilema de que o processo de migração gera incertezas em sua autoafirmação cultural. Essa ambientação gera a primeira identificação do que é "ser retirante" no Brasil do século XX, alguém resiliente, mas perdido de si mesmo.

## **BRAÚLIO BESSA, O RETIRANTE NORDESTINO NO SÉCULO XXI BRAÚLIO E A VALORIZAÇÃO DO “SER NORDESTINO”**

Bráulio Bessa, um poeta cearense, se destaca como uma das principais vozes na atualidade da literatura de cordel. Seu trabalho ajudou a moldar uma nova representação imagética do retirante por meio de sua poesia, muito por conta de sua experiência empírica e afeto com a vida no sertão nordestino.

Embora já escrevesse poesias desde a adolescência, Bessa ganhou projeção com a criação da página "Nação Nordestina" no Facebook, onde divulgava conteúdos sobre a cultura da região. O advento das mídias sociais foi fundamental para ampliar a divulgação cultural regional e mudar a forma como a sociedade consome cultura. Já que acesso à internet desempenha um papel fundamental no exercício de diversos direitos, como o acesso à cultura, à

---

<sup>11</sup> A zoomorfização atribui características animais a seres humanos, objetos ou elementos não animais. É usada na arte, literatura e mitologia para simbolizar aspectos humanos ou explorar a relação entre o mundo animal e o humano.

informação e à expressão. Esses direitos estão cada vez mais mediados pelo ciberespaço, resultando em um fenômeno de desmaterialização e desterritorialização (FREIRE & SALES, 2010).

Com o sucesso da fanpage, Bráulio chamou a atenção dos grandes meios de comunicação e, a partir de 2016, participou diversas vezes do extinto programa "Encontro com Fátima Bernardes", até ter um quadro fixo intitulado "Poesia com Rapadura". Com isso, através da desterritorialização<sup>12</sup> da sua figura atrelado a sua obra, ele ganhou projeção nacional. Em 2017, lançou o seu primeiro livro, "Poesia que Transforma", que reúne suas principais obras até então, como por exemplo o poema "Coração Nordestino".

"O autor expõe, por meio das construções enunciativas de seus poemas, uma maneira de escrever/declamar, discursos voltados para a valorização da região e do povo nordestino. Assim, podemos dizer que o discurso do autor é direcionado para a nação nordestina, na intenção de exaltar a região e as particularidades da mesma" (Oliveira & Silva, 2022, p.42)

Portanto, a valorização da cultura nordestina na contemporaneidade passa pela obra, vozes e influência de Bessa, que conseguiu unir três importantes formas de veiculação - TV, literatura e internet - para divulgar não apenas sua causa, mas a representação de mais de 56 milhões<sup>13</sup> de brasileiros por meio da personificação e declamação de suas poesias.

## **O RETIRANTE COMO EXPORTADOR CULTURAL**

Em suas obras, Bráulio Bessa utiliza a figura do retirante com um dos principais elementos. Porém, na contemporaneidade o retirante passa a ter sua imagem construída como uma referência cultural que através da sua migração carrega consigo valores e culturas inegociáveis.

---

<sup>12</sup> A desterritorialização é um conceito que se refere ao processo pelo qual as relações tradicionais de espaço e território são transformadas ou deslocadas. Refere-se à perda ou reconfiguração das conexões entre pessoas, lugares e identidades em um contexto globalizado e em constante mudança.

<sup>13</sup> População nordestina estimada por estudo realizado em 2018 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

Essa nova roupagem literária, carregada de afeto e amor pela sua terra amplia para as demais regiões a compreensão e o interesse pelo universo do sertanejo nordestino. Seus versos vão além de enaltecer a cultura local, mas busca quebrar paradigmas, preconceitos e estereótipos ligados, por meio da demonstração da riqueza e diversidade da região.

"My brother, sou nordestino nascido lá no sertão. Whisky pra mim é cana misturada com limão. Matuto do pé rachado, danço forró e xaxado e adoro cantoria. Na minha terra é assim, o tal do bacon é toicim e Mary lá e Maria." (BESSA, 2017, p.163)

O autor em questão incorpora essa nova "imagem" que utiliza não apenas a linguagem, mas também a aparência, comunicando que o nordestino não é mais retratado como alguém rude, com pouca instrução e cheio de incertezas em relação ao futuro. Bráulio personifica um nordestino orgulhoso de sua terra, afável e com uma rica bagagem cultural que anteriormente não era explorada.

De acordo com Andrade (2021), essa representação de Bráulio nesse grande cenário social é cuidadosamente calculada, há um preparo, mas não de forma "falsa", e sim de alguém, de um "eu" lírico que tem consciência do que precisa transmitir. Em outras palavras, tudo comunica, desde as vestimentas até o destaque dado ao sotaque nordestino e à narrativa de valorização e superação presentes em suas obras.

## **AS PRINCIPAIS MUDANÇAS AO LONGO DOS SÉCULOS XX E XXI A EVOLUÇÃO DA PERCEPÇÃO IMAGÉTICA**

A percepção do fenômeno da migração e da identidade do "retirante" no Brasil tem passado por transformações significativas nos últimos anos. Esse processo tem sido influenciado por diversos fatores, como aspectos políticos, geográficos e situacionais, resultando em uma reconstrução da imagem do "retirante" no imaginário popular brasileiro. Essas mudanças refletem a evolução da interpretação e da visão de mundo contemporâneas em relação ao tema, que são distintas das observadas no início do século XX. É notável que

ocorreram transformações estruturais, especialmente em relação à velocidade da informação e à capacidade de assimilá-la.

De acordo com HALL (2016), a relação entre o significante e o significado é construída a partir de convenções sociais específicas de cada sociedade e período histórico. Portanto, os sentidos atribuídos ao termo "retirante" estão sujeitos a mudanças, tanto entre diferentes contextos culturais quanto ao longo do tempo.

Ou seja, as convenções sociais que definem o que é ser um "retirante" nordestino passaram por transformações ao longo das últimas décadas, e a percepção desse termo acompanhou essas mudanças.

Dessa forma, o "retirante" retratado nas obras da primeira metade do século XX, como "Vidas Secas" de Graciliano Ramos, difere do "retirante" retratado nas obras do século XXI, como na poesia de Bráulio Bessa. No entanto, ambos representam uma compreensão contemporânea de sua própria época e contribuem para a compreensão da carga histórica e imagética associada a esse fenômeno.

## **LITERATURA MODERNA VS CORDEL CONTEMPORÂNEO**

As diferenças entre o escritor alagoano Graciliano Ramos e o cordelista cearense Bráulio Bessa transcendem seus respectivos estados de origem. Graciliano Ramos, reconhecido como um romancista moderno, ficou conhecido por sua literatura áspera e realista, que priorizava a exposição da realidade vivenciada no sertão nordestino.

Na primeira metade do século XX, período marcado pela busca pela identidade nacional impulsionada pela elite intelectual e influenciado pela Semana de 22, a obra de Graciliano Ramos teve uma importância significativa ao retratar o retirante como um indivíduo lutando pela vida, carregando consigo uma carga cultural enquanto busca a subsistência para sua família.

A descrição da falta de água, escassez de alimentos e a representação do sertão árido, que refletem a dura realidade enfrentada pelos retirantes, constituem um marco na literatura de Graciliano Ramos. Através da descrição dos personagens cambaleantes, exaustos e com movimentos lentos, fica evidente que não havia espaço para abordar outros temas senão a fome, a seca e as adversidades que acompanhavam essas famílias (RAMOS, 1938).

A seca que seca os homens, os diálogos e a própria escrita como um todo (BICALHO, 2010 p.48)

Por outro lado, Bráulio Bessa é um cordelista contemporâneo, cuja escrita está enraizada na tradição literária nordestina do cordel. Ele é uma das principais figuras que representam a valorização do que é ser nordestino, e isso é evidente em sua escrita.

Ganhando espaço e visibilidade a partir da segunda década do século XXI, em que por meio das mídias sociais o avanço da cultura nordestina foi importante para diversificar e ampliar a representatividade nordestina na cultura brasileira.

Um período marcado por avanços na literatura, artes plásticas, música e dramaturgia. Até pouco tempo atrás, a poesia de cordel possuía uma audiência majoritariamente restrita ao público do nordeste.

No entanto, essa situação passou por transformações com a divulgação das obras de Bráulio Bessa, as quais alcançaram popularidade não somente através de publicações impressas, mas também por meio de veículos como televisão e meios digitais. Consequentemente, as criações poéticas de Bessa obtiveram reconhecimento e aceitação em todo o território nacional e contribuíram para a disseminação e preservação dessa rica manifestação cultural. (MUNIZ, 2022)

Portanto, apesar das épocas, estilos literários e carga cultural, tanto Bráulio quanto Graciliano são contemporâneos de seus respectivos tempos e,

resguardados das mudanças, são importantes para a compreensão do que é ser nordestino e para a valorização cultural.

## **A PERMANÊNCIA DA FUNÇÃO SOCIAL**

Embora haja diferenças no estilo de escrita, uma semelhança evidente entre Ramos e Bessa é a função social da literatura. Ao longo do tempo, nas obras de ambos, é possível observar que a seca continua sendo um tema que afeta uma parte da população nordestina. Por um lado, Graciliano não poupava adjetivações que transmitiam ao leitor uma sensação de "a vida como ela é":

"Sinhá Vitória benzia-se tremendo, manejava o rosário, mexia os beiços rezando rezas desesperadas. Encolhido no banco do copiar, Fabiano espiava a catinga amarela, onde as folhas pulverizavam, trituradas pelos redemoinhos, e os garranchos se torciam, negros, torrados " (RAMOS, 2013, p. 38).

Por outro lado, o uso do ritmo de cordel e as expressões empregadas por Bráulio ajudam a suavizar a denúncia, sem buscar ocultá-la.

"O gado magro e mofino<sup>14</sup>, novenas para o divino, pedidos para chover. Tudo isso faz bater um coração nordestino" (BESSA, 2017, p. 45).

Com isso, é possível perceber que em duas épocas distintas, a seca e suas consequências, seja a "miséria" descrita por Ramos ou o "gado magro" descrito por Bessa, são temas recorrentes. A literatura, embora não possua o poder de transformar diretamente a realidade social dessas pessoas, desempenha um papel social importante ao expô-las.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste artigo científico, analisamos a formação da imagem do retirante nordestino na produção cultural brasileira, com enfoque na literatura e no cordel. Através da comparação entre a obra de Graciliano Ramos,

---

<sup>14</sup> Mofino é um termo informal utilizado para descrever algo ou alguém triste, melancólico ou deprimido.

representada pelo personagem Fabiano em "Vidas Secas", e o trabalho do cordelista contemporâneo Braúlio Bessa, pudemos identificar as mudanças e permanências na construção dessa imagem ao longo do século XX e XXI.

Através dessa análise comparativa, podemos observar que a imagem do retirante nordestino na produção cultural brasileira passou por transformações ao longo dos séculos. Enquanto Graciliano Ramos retrata a dura realidade e as dificuldades enfrentadas pelos retirantes, Braúlio Bessa busca ressignificar essa imagem, destacando as qualidades e a resiliência do povo nordestino. Ambos contribuem para a valorização da identidade nordestina e para a construção de uma narrativa mais ampla e complexa sobre o sertanejo nordestino.

É importante ressaltar que a imagem do retirante nordestino na produção cultural não se limita a uma representação literária. Existem diversas obras e artistas que abordam essa temática de maneiras diferentes, cada um com sua visão e abordagem específica. A diversidade de perspectivas enriquece o debate e nos permite compreender a complexidade e a riqueza da cultura nordestina.

Por fim, podemos concluir que a criação da imagem do retirante nordestino na produção cultural brasileira desempenha um papel fundamental na valorização da identidade nordestina e na reflexão sobre as questões sociais e históricas que permeiam essa realidade. Através da literatura, do cordel e de outras formas de expressão artística, essa imagem se mantém viva e evolui ao longo do tempo, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e plural.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. As imagens retirantes. A constituição da figurabilidade da seca pela literatura do final do século XIX e do início do século XX. Revista de História (São Paulo), v. 176, p. 226-251, 2017. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/vh/a/JVJF8gfD7f8SHFHBvX9twjm/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: [13/06/2023].

BERGER, P.; LUCKMANN, T. A Construção Social da Realidade: Tratado de Sociologia do Conhecimento. 24ª ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

HALL, Stuart. Cultura e Representação. Rio de Janeiro: PUC Rio, 2016.

RAMOS, Graciliano. Vidas secas. Rio de Janeiro: Record, 1938

MELO, Ana Amelia M. C. A crítica social e a escrita em Vidas Secas. Estudos Sociedade e Agricultura, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 370-398, out. 2005.

Disponível em: <https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/view/267/263>

Acesso em: [13/06/2023].

BARBOSA JUNIOR, Francisco Wellington de Sousa. Expressões de Desterritorialização a partir do Personagem Fabiano, da obra Vidas Secas, de Graciliano Ramos. Universidade de Évora, 2018.

FREIRE, Geovana Maria Cartaxo de Arruda; SALES, Tainah Simões. A identidade digital e o acesso à internet: novos direitos na consolidação da ciberdemocracia. In: Congreso Internacional Rosario 2010 - Profundizando la democracia como forma de vida: desafíos de la democracia participativa y los aprendizajes ciudadanos en el Siglo XXI. Rosário, Argentina, 2010.

ANDRADE, D. da S. O sertanejo estilizado: projeto, autenticidade e performance de Bráulio Bessa. 2021. 91 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, Brasil, 2021.

Disponível

em:

<http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/19207> Acesso em:

[13/06/2023].

SILVA, Amanda Muniz da. A construção das metáforas conceptuais nos cordéis de Bráulio Bessa. Dissertação (Doutorado em Língua Portuguesa) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022. Disponível em:

<https://repositorio.pucsp.br/bitstream/handle/29621/1/Amanda%20Muniz%20da%20Silva.pdf> Acesso em: [13/06/2023].

BICALHO, Ana Maria. Diálogos interculturais: Graciliano Ramos tradutor/traduzido. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Letras e

Linguística) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2010.

## 4. INVISIBILIDADE DA ATENÇÃO ÀS PESSOAS EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA

*Thais Cristina Cegalla Trindade*

### RESUMO

Este trabalho, explora-se a importância do papel dos profissionais de saúde na atenção primária, com foco em aprimorar a qualidade do atendimento à população, especialmente na prevenção e enfrentamento de casos de violência. O trabalho parte do pressuposto de que a identificação e notificação desses casos são cruciais para a prevenção e apoio às vítimas, utilizando uma revisão de literatura que analisa projetos, artigos, leis e pareceres da Biblioteca Virtual de Saúde.

A estrutura do trabalho é composta por cinco capítulos. Inicia-se com a introdução e, em seguida, apresenta-se um resumo do histórico da saúde pública no Brasil, destacando o papel da Atenção Primária. O terceiro capítulo aborda o tema da violência, explorando conceitos, modalidades e sintomas identificáveis durante o atendimento. O quarto capítulo destaca estratégias desenvolvidas por profissionais da atenção básica, Secretarias Municipais de Saúde e Ministério da Saúde para prevenir e combater a invisibilidade das vítimas de violência, fundamentadas em legislação específica. Por fim, são apresentadas as considerações finais.

Dessa forma, o estudo busca contribuir para o entendimento do papel fundamental dos profissionais de saúde na atenção primária em situações de violência, promovendo a conscientização, prevenção e melhorias na assistência às vítimas.

**Palavras-chave:** Atitudes em relação à saúde. Atenção Básica; matriciamento; saúde mental Cuidados primários de saúde. Violência urbana.

## INTRODUÇÃO

A questão da violência tem sido objeto de debate em vários setores no Brasil e no mundo, dada sua abrangência. No contexto da saúde, essa problemática impacta de maneira significativa a qualidade de vida tanto individual quanto comunitária, demandando uma série de ações específicas de cuidado, o que, por sua vez, implica em custos elevados para o setor.

As diversas manifestações de violência afetam pessoas de todas as idades, classes sociais, raças e níveis educacionais, embora os efeitos sejam distribuídos de maneira desigual entre diferentes segmentos da população, como crianças, mulheres, idosos, indivíduos em situação de vulnerabilidade socioeconômica, pessoas com deficiências e grupos étnicos.

Profissionais da saúde enfrentam o desafio de reduzir a morbimortalidade decorrente das formas mais comuns de violência, demonstrando nos últimos anos uma maior sensibilidade na formulação de políticas adequadas para lidar com esse problema.

Conforme Minayo e Souza (1998, p. 514), "a violência consiste em ações humanas de indivíduos, grupos, classes ou nações que resultam na morte de outros seres humanos ou afetam sua integridade física, moral, mental ou espiritual".

A Organização Mundial da Saúde (OMS) considera a violência como um sério problema de saúde pública em todo o mundo. Seu perfil epidemiológico e suas diferentes formas demandam a implementação de políticas robustas pelo setor da saúde.

A preocupação com o impacto da violência na sociedade está presente há mais de uma década na agenda da OMS, sendo que, em 1993, a Organização Pan-americana de Saúde (OPAS) recomendou aos países membros que incluíssem o tema em suas agendas como um alerta.

Em 2002, a Organização Mundial de Saúde publicou o Relatório Mundial sobre a Violência e Saúde, representando uma reflexão crucial sobre a importância do setor na superação do problema, revelando que anualmente mais de um milhão de pessoas perdem a vida e muitas outras sofrem lesões fatais devido à violência.

Nos últimos vinte anos, a saúde pública tem buscado enfrentar de forma mais efetiva a necessidade de estratégias organizacionais e projetos para combater o problema. O investimento na formação dos profissionais para lidar com a complexidade desse fenômeno, juntamente com iniciativas de prevenção da violência, tem sido uma estratégia fundamental.

É crucial ressaltar que alguns casos de violência podem passar despercebidos pelos serviços de saúde. Portanto, destaca-se a importância da identificação dos diversos tipos de violência por meio de sinais e sintomas recorrentes.

A proposta de estudo sobre os desafios da atenção básica em superar a invisibilidade às pessoas em situação de violência tem como objetivo aprofundar o entendimento sobre como a Atenção Básica pode desempenhar um papel crucial na redução dessa invisibilidade. Considerando sua posição privilegiada no Sistema Único de Saúde, busca-se desenvolver ações eficazes para abordar essa questão. O estudo também apresenta, de forma resumida, um conjunto de tecnologias de intervenção que podem ser aplicadas na elaboração de projetos terapêuticos e no empoderamento das pessoas em situação de violência.

Além disso, o trabalho visa contribuir para a formação de profissionais dentro de uma concepção ampliada de saúde. A partir da compreensão de casos individuais, pretende-se estabelecer projetos de cuidado personalizados para as pessoas e seus familiares. O conteúdo do trabalho busca sensibilizar e fornecer informações gerais para orientar a conduta dos profissionais.

A relevância do estudo transcende as questões de pesquisa, provocando debates contemporâneos na sociedade com o objetivo de reverter a tendência de violência e compreender os vários aspectos relacionados a essa temática.

A metodologia adotada é qualitativa e se insere no campo da pesquisa social, permitindo a obtenção de novos conhecimentos no âmbito da realidade social. Fundamentado no método dialético marxista, conforme descrito por Gil (1999) e Triviños (1987), o trabalho busca compreender a dimensão histórica dos processos sociais, considerando o modo de produção vigente em instituições e redes de acesso aos serviços fora da comunidade.

### **POLÍTICA NACIONAL DE ATENÇÃO BÁSICA: UM BREVE HISTÓRICO SOBRE A SAÚDE PÚBLICA E ATENÇÃO PRIMÁRIA NO BRASIL**

A saúde pública no Brasil durante o período colonial não era uma prioridade governamental. Nessa época, os indivíduos eram responsáveis por sua própria saúde, recorrendo a pajés e curandeiros para tratamento de doenças. Os métodos eram informais, baseados em conhecimentos empíricos, tradições culturais e crenças religiosas, com foco na manipulação de ervas.

Com a chegada da família real em 1808, ocorreram mudanças significativas, incluindo o estímulo ao crescimento industrial, a abertura de escolas de Medicina, Cirurgia e Química, marcando o início do desenvolvimento de serviços de saúde mais estruturados. Durante o reinado de Dom Pedro I, houve avanços, como a vacinação contra a varíola e a criação de órgãos sanitários para controlar doenças como varíola, tuberculose, malária e febre amarela.

No início do século XX, Oswaldo Cruz iniciou reformas intensas na saúde pública, combatendo a peste bubônica e a febre amarela com medidas autoritárias. A revolta da vacina em 1904 expressou a resistência popular a essas ações. O sanitarista Carlos Chagas sucedeu Cruz, implementando medidas mais equilibradas.

A saúde pública tornou-se uma preocupação social nos últimos anos da ditadura militar, resultando na criação de órgãos como CONASP, CONASS e CONASEMS, culminando na formação do Sistema Único de Saúde (SUS) em 1988. Com a constituição desse ano, a saúde foi reconhecida como direito de todos e dever do Estado, consolidando o SUS na atenção primária, com enfoque em medidas preventivas e educativas, conforme estabelecido pela Política Nacional da Saúde em 2012.

A Atenção Primária à Saúde (APS) surgiu como uma estratégia organizacional abordando de maneira contínua e sistematizada a maioria dos problemas relacionados à saúde da população. Essa abordagem integra ações preventivas e curativas, atendendo tanto indivíduos quanto comunidades.

Historicamente, o termo "atenção primária" foi introduzido pela primeira vez em 1920, no Relatório Dawson do governo inglês, que hierarquizava os níveis de atenção à saúde, organizando o modelo de assistência em centros de saúde primários e secundários, serviços domiciliares, serviços suplementares e hospitais de ensino.

No contexto brasileiro, a Atenção Primária à Saúde surgiu como parte dos princípios da Reforma Sanitária, influenciando a adoção da Atenção Básica à Saúde (ABS) pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Essa mudança reorientou e organizou o modelo de assistência, partindo de um sistema universal e integrado de atenção à saúde.

De acordo com a Política Nacional da Saúde de 2012, a atenção primária inclui as unidades básicas de saúde (UBS) e equipes de atenção básica. O SAMU (Serviço de Atendimento Móvel de Urgência) e as Unidades de Pronto Atendimento (UPA) compõem o nível intermediário de atenção, enquanto o atendimento de média e alta complexidade ocorre nos hospitais.

As UBSs são a principal porta de entrada e centro de comunicação com a Rede de Atenção à Saúde. Sua localização próxima às comunidades visa garantir acesso à população a uma atenção à saúde de qualidade, oferecendo

atendimentos básicos e gratuitos nas áreas de Enfermagem, Pediatria, Ginecologia, Clínica Geral e Odontologia.

### **ESTRUTURA DAS UNIDADES BÁSICAS DE SAÚDE**

Em relação à infraestrutura e operação da atenção básica, a Política Nacional da Saúde preconiza a construção de Unidades Básicas de Saúde, seguindo as diretrizes estabelecidas no Manual de Infraestrutura do Departamento de Atenção Básica SAS/MS.

Estas unidades devem ser devidamente cadastradas no sistema nacional vigente e devem contar com consultórios médico/enfermagem e odontológico, incluindo sanitários. Além disso, é necessário disponibilizar uma área de recepção, espaço para arquivos e registros, sala de procedimentos, sala de vacinas, área para dispensação de medicamentos e sala de armazenagem de medicamentos (quando a dispensação ocorre na própria UBS). Outras instalações essenciais abrangem sala de inalação coletiva, sala de coleta, sala de curativos, sala de observação, entre outros.

Conforme estabelecido pela Política Nacional da Saúde (2012, p. 35), as Unidades Básicas de Saúde (UBS) devem também contar com uma identificação visual conforme os padrões definidos nacionalmente pelo SUS e pela atenção básica. Além disso, é fundamental a instituição de um conselho ou colegiado composto por gestores locais, profissionais da saúde e usuários, proporcionando meios para a participação ativa da comunidade na gestão dessas unidades.

### **VIOLÊNCIA: DEFINIÇÃO, MODALIDADES, SINTOMAS E SINAIS**

A etimologia da palavra violência remonta ao Latim "violentia", que denota veemência e impetuosidade. No entanto, sua raiz está associada ao termo "violação" (violare). Quando aplicada aos direitos humanos, a violência engloba todos os atos que infringem esses direitos, abrangendo aspectos civis (liberdade, privacidade, proteção igualitária), econômicos (emprego e salário), sociais (saúde, educação, segurança, habitação), culturais (manifestação da própria cultura) e políticos (participação política, voto).

O Ministério da Saúde, no documento intitulado Política Nacional de Redução da Morbimortalidade por Acidentes e Violências (BRASIL, 2001), define a violência como um fenômeno de conceituação complexa, polissêmica e controversa.

A Organização Mundial da Saúde (2002), no Primeiro Relatório Mundial sobre Violência e Saúde, define a violência como:

[...] uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação de liberdade (OMS, 2002, p.10).

O documento ainda categoriza a violência em três amplas categorias, levando em consideração as características daqueles que cometem o ato violento: violência autoinfligida, violências interpessoais e violência coletiva, as quais se desdobram em diversos tipos.

A violência autoinfligida abrange a ideação suicida e tentativas de suicídio, incluindo o conceito de autoabuso, que refere-se a autoagressões e automutilações.

Quanto à violência interpessoal, ela se subdivide em intrafamiliar, referindo-se à violência entre membros da família e parceiros íntimos, e violência comunitária, que ocorre em ambientes sociais e pode ser perpetrada por conhecidos ou desconhecidos. Essa categoria engloba violência juvenil, agressões físicas, estupro e até mesmo a violência institucional que pode ocorrer em escolas, locais de trabalho, serviços de saúde e asilos.

O Ministério da Saúde (2005) categoriza a natureza dos atos de violência da seguinte maneira: violência física, que envolve o uso intencional de força física para ferir, lesar, provocar dor e sofrimento à pessoa; violência sexual, abrangendo todas as relações de natureza sexual praticadas contra a vontade do indivíduo, envolvendo o uso de força física, coerção, sedução, ameaça ou influência psicológica, mesmo quando perpetrada por um familiar;

violência psicológica, caracterizada por rejeição, depreciação, discriminação, punições humilhantes e utilização da pessoa para atender às necessidades psíquicas de outrem, colocando em risco sua autoestima e desenvolvimento; abandono e negligência, referindo-se à omissão do cuidado em garantir as necessidades básicas para o desenvolvimento físico, emocional e social de uma pessoa.

Indivíduos que enfrentam situações de violência podem apresentar sintomas e sinais persistentes, os quais variam de acordo com o tipo de violência sofrida. Esses indicadores podem se manifestar de diferentes formas, sendo caracterizados conforme o contexto da violência. Em muitos casos, manifestam-se por meio de apatia, dificuldade nas relações interpessoais, transtornos crônicos, vagos e repetitivos, ansiedade, depressão, baixa autoestima, déficit cognitivo, lesões físicas leves e visíveis no corpo, entre outros sintomas e sinais. Vale ressaltar que as diversas formas de violência podem resultar em impactos negativos na saúde física e mental do indivíduo.

### **VIOLÊNCIA NAS CIDADES E SAÚDE MENTAL: VULNERABILIDADES PARTICULARES?**

A análise da comunidade proporciona uma compreensão de uma dimensão menos evidente dos impactos da violência, destacando suas consequências psicossociais que não se limitam ao número de vítimas, mas têm relevância significativa para usuários e profissionais da área da saúde.

A violência urbana em grandes cidades, especialmente aquela de natureza armada, suas principais ramificações e as possíveis abordagens de intervenção ainda carecem de uma discussão mais aprofundada no contexto das estratégias assistenciais do setor da saúde. No campo da atenção psicossocial, a situação não é diferente. Apesar de alguns estudiosos apontarem indícios de uma prevalência elevada de transtornos mentais relacionados a eventos traumáticos em ambientes urbanos (MARI; MELLO; FIGUEIRA, 2008), a falta de sistematização do conhecimento sobre as diferentes dimensões do problema e as potenciais intervenções em saúde

mental persiste (DELGADO, 2012). Os resultados iniciais deste estudo indicam, mesmo que de maneira incipiente, elementos que contribuem para a elaboração de um panorama sobre as implicações da violência armada em contextos urbanos no âmbito psicossocial. Dessa forma, sugere-se a hipótese de que as vulnerabilidades psicossociais associadas à violência urbana podem ser organizadas em três dimensões principais, conforme descrito a seguir: violência como agravo, barreira e risco.

### **CONSIDERAÇÕES CLÍNICAS: A VIOLÊNCIA COMO FATOR AGRAVANTE**

A primeira dimensão abordada refere-se aos aspectos clínicos, ou seja, aos impactos psicopatológicos associados à exposição a uma ou várias experiências de violência. Estudos epidemiológicos indicam uma incidência elevada de sintomas sugestivos de transtornos mentais, como depressão, ansiedade (incluindo Transtorno de Estresse Pós-Traumático - TEPT) e outros quadros difusos, relacionados à dinâmica da violência armada em áreas vulneráveis.

Embora os estudos que vinculam experiências de violência à incidência de transtornos mentais não sejam conclusivos, eles fornecem indícios valiosos. Por exemplo, indicam que os homens estão mais expostos a eventos de violência do que as mulheres, mas estas desenvolvem mais problemas de saúde mental quando enfrentam experiências de violência (RIBEIRO et al., 2009). No âmbito da assistência às pessoas afetadas por situações de violência, relatos sistemáticos provenientes de intervenções humanitárias internacionais têm sido produzidos, especialmente em contextos de conflitos armados ou desastres naturais e industriais. Uma revisão sistemática recente dessas experiências, conduzida por Tol et al. (2011), identificou índices de prevalência de TEPT e depressão muito superiores em populações afetadas por conflitos armados em comparação com as participantes do levantamento mundial de saúde mental da OMS (THE WHO WORLD MENTAL HEALTH SURVEY CONSORTIUM, 2004).

A dinâmica da violência em territórios urbanos apresenta diferenças em relação aos cenários emergenciais das intervenções humanitárias internacionais. Além disso, a escassez de estudos que associam a prevalência de transtornos mentais a situações de violência em áreas urbanas vulneráveis representa um desafio para a caracterização das especificidades dos agravos clínicos. Um obstáculo evidente está relacionado à definição de eventos traumáticos, especialmente ao se referir a populações historicamente expostas a eventos violentos, como execuções sumárias, agressões físicas, confrontos armados e imposição da ordem por meio de ameaças.

Os relatos dos agentes comunitários de saúde (ACS), da comunidade pesquisada, ilustram bem esse cotidiano:

Uma vez fui fazer uma visita domiciliar com uma colega, e o tiroteio começou, os bandidos começaram a correr atirando, caíam baleados na nossa frente, o caveirão entrou dando tiro para todos os lados, e nós duas ali no meio disso tudo. Nessa hora eu fiquei muito nervosa e foi a colega quem me ajudou; se estivesse sozinha, nem sei o que eu iria fazer na hora. As pessoas fecham as portas de suas casas; se elas te conhecem, elas até deixam você entrar, mas se não te conhecem você fica no meio da guerra! (Entrevista narrativa; ACS).

No contexto dos agravos clínico-situacionais associados à violência urbana, é pertinente considerar as vulnerabilidades específicas enfrentadas por indivíduos com transtornos mentais graves, como esquizofrenia e outros quadros psicóticos. Para essas pessoas, a exposição a conflitos e a uma rotina de ameaças pode agravar significativamente seus quadros clínicos. Adicionalmente, há relatos de que pessoas com transtornos mentais graves são frequentemente alvo de agressões, e em alguns casos, até mesmo assassinadas dentro das comunidades. Essas situações muitas vezes estão relacionadas a pequenos furtos ou a comportamentos considerados "ameaçadores" ou "estranhos". Em algumas instâncias, usuários de Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) são cooptados para realizar pequenos "serviços" para o narcotráfico ou têm acesso irrestrito ao consumo de drogas, especialmente crack e cocaína, por vezes em troca de seus próprios medicamentos psicotrópicos (SOUZA, F. et al., 2011).

## **GLOBALIZAÇÃO E INDIVIDUALISMO**

Para abordar a invisibilidade social, é crucial definir alguns termos que aprimoram a compreensão do tema. Dois desses conceitos fundamentais são globalização e individualização.

Segundo Salaini (2012), a globalização é caracterizada por um processo de construção e desconstrução de identidades individuais e grupais. Os limites dos sistemas de crenças aos quais as pessoas estão vinculadas são constantemente enfraquecidos e atravessados nesses contextos.

Vieira (2002) destaca que a globalização está associada a processos econômicos, como a movimentação de capitais, a expansão dos mercados e a produção em escala mundial. Ela reconfigura a economia global e altera as percepções de espaço e tempo, tornando possível a rápida circulação de informações, bens e pessoas pelo mundo.

A globalização também impacta as dinâmicas locais e desafia os laços de solidariedade em níveis local e nacional. Vieira (2002) enfatiza que esse fenômeno influencia eventos locais e é influenciado por eles, apresentando-se como um evento que contradiz os laços solidários existentes em níveis locais e nacionais.

No século XX, a reestruturação econômica levou a uma encruzilhada na economia global, resultando em fome e empobrecimento em muitas partes do mundo. O novo modelo financeiro internacional parece alimentar a exclusão social e a degradação ambiental.

Paralelamente, a era contemporânea testemunha uma nova fase do individualismo. O individualismo, que coloca o indivíduo livre e igual como o centro da cultura, tornou-se um conjunto de valores fundamentais para a ordem social e política, como destaca Lipovetsky (2011).

Lipovetsky (2011) ressalta que o novo individualismo é caracterizado pela autonomia e pela ênfase na relação consigo mesmo. Surgiu uma nova

relação com o corpo, marcada pela obsessão com a saúde, culto ao esporte, preocupação com a boa forma, magreza e cirurgia estética.

A sociedade do consumismo, caracterizada pelo "sempre mais", não necessariamente se traduz em maior felicidade. Lipovetsky (2011) destaca que, embora as pessoas busquem ganhar mais dinheiro, o aumento da renda não contribui significativamente para a sensação de felicidade além de um certo ponto.

Velho (2004) relaciona o individualismo ao prestígio e à estabilidade financeira. O prestígio está associado a regras e valores transparentes, dentro de uma estrutura hierárquica. A ascensão social implica mudança e transformação, tanto na trajetória individual quanto no contexto social.

Heller (2000) destaca que a vida cotidiana é universal e abrange todos os seres humanos, independentemente de sua ocupação. A vida cotidiana reflete a participação plena do homem, envolvendo todos os aspectos de sua individualidade e personalidade.

## **INVISIBILIDADE SOCIAL**

O termo "Invisibilidade Social" é frequentemente empregado para descrever a condição de indivíduos que são ignorados ou marginalizados pela sociedade, seja devido à indiferença ou ao preconceito. Isso ocorre especialmente com aqueles que estão à margem da sociedade e não recebem a devida atenção ou reconhecimento.

Diversos fatores contribuem para a invisibilidade social, incluindo aspectos históricos, culturais, sociais, religiosos, econômicos e estéticos. Por exemplo, um mendigo pode ser ignorado a ponto de se tornar praticamente invisível na paisagem urbana.

De acordo com Laing (1986), a identidade de um indivíduo é construída por meio de suas relações com os outros. Guattari destaca a diferença entre singularidade e identidade, onde a primeira se refere aos elementos que

constituem a individualidade, enquanto a segunda está relacionada ao reconhecimento social.

A invisibilidade social pode ser percebida quando a singularidade de uma pessoa é ignorada pelos outros, tornando-a praticamente invisível. Porto (2009) exemplifica esse fenômeno ao descrever como os trabalhadores, como os garis, muitas vezes são vistos apenas como parte do cenário urbano, sem que suas singularidades sejam notadas.

A invisibilidade social pode ser considerada um sintoma de uma crise de identidade nas relações entre os indivíduos nas sociedades contemporâneas. Isso é influenciado pela estruturação sócio-econômica do Neoliberalismo, que promove uma "Cultura do Consumo" na qual a identidade está fortemente ligada ao que uma pessoa consome.

Costa (2008) destaca o sentimento de humilhação associado à invisibilidade social, especialmente quando as pessoas são ignoradas. A invisibilidade é resultado de um processo histórico de longa duração, rebaixando a percepção de indivíduos vinculados a formas desvalorizadas de trabalho.

Filho (2005) ressalta que a invisibilidade social evoluiu ao longo da história, marcada por golpes de espoliação e servidão, especialmente sobre grupos como escravos africanos, nativos e imigrantes de baixo salário.

A invisibilidade social é composta por aspectos sociais e psíquicos, sendo mantida por padrões sociais. Ela afeta a comunicação, reduzindo as trocas a aspectos econômicos e isolando os aspectos subjetivos e emocionais.

Para De Sá Pinto Tomás (2008), a invisibilidade é um sintoma de uma sociedade do espetáculo, onde ser invisível significa ser insignificante. A percepção coletiva desempenha um papel crucial, pois os invisíveis são criados a partir de uma visão compartilhada pela sociedade, onde a não percepção do

outro traduz-se pela inexistência do ser. A percepção é seletiva, permitindo que as pessoas escolham aquilo que desejam ver.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os resultados deste estudo evidenciam o papel crucial da rede de atenção básica de saúde na assistência prestada às vítimas de violência, desempenhando funções essenciais tanto na prevenção desses casos quanto na identificação de possíveis eventos violentos na população.

A análise abordou os principais aspectos do processo de Atenção Básica à Saúde para essas pessoas, compreendendo as diversas situações presentes no processo e destacando a importância da implementação para a prevenção e combate à violência.

É relevante ressaltar que a temática da violência é vasta e complexa, envolvendo a discussão sobre a necessidade de sistematização de um projeto político de saúde fundamentado em valores como cidadania, compromisso social com a saúde e a capacitação dos profissionais diante de casos que envolvem qualquer forma de violência. O estudo propõe uma revisão dos métodos de gestão tradicionais, alcançando a área de atuação profissional na qual conhecimentos, poderes e relações interpessoais direcionam o dinamismo no atendimento.

Os impactos psicossociais da violência nas grandes cidades, especialmente para as populações mais gravemente afetadas, revelam um conjunto de necessidades e oportunidades de suporte que ainda precisam ser exploradas e discutidas. Reconhecer as experiências dos agentes comunitários e os saberes locais pode facilitar uma maior integração entre todos os envolvidos no processo, promovendo a descoberta de novas formas de interação que gerem um sentimento de pertencimento. Esse sentimento é essencial para o exercício do protagonismo comunitário e o cuidado em saúde mental.

A ampliação da rede de atenção primária é um vetor para o desenvolvimento de estratégias psicossociais no território, embora apresente desafios significativos. Um desses desafios essenciais é a transição das estratégias de cuidado, anteriormente limitadas aos ambulatórios especializados, para o contexto do território, seja por meio de parcerias com Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) ou com o suporte do Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF). Portanto, as estratégias de cuidado para pessoas afetadas pela violência, assim como para as equipes de atenção primária, necessitam de desenvolvimento e aprimoramento, considerando a complexidade teórico-metodológica e a flexibilidade operacional inerentes ao campo da atenção psicossocial brasileiro. A pesquisa evidencia que a valorização dos coletivos é o fio condutor do trabalho em comunidades afetadas pela violência urbana, favorecendo espaços de comunicação, uma abordagem que pode ser concretizada em propostas que respeitem o conhecimento local e as particularidades de cada comunidade.

Para proporcionar uma assistência efetiva às vítimas de violência, são elaboradas leis e portarias que abordam o tema, não apenas com o objetivo de combater, mas também de promover a prevenção, favorecendo a construção de uma cultura de paz.

Fica claro que os grupos muitas vezes agem por meio de processos de exclusão e discriminação, em vez de cooperarem e reconhecerem uns aos outros. Nesse contexto, percebe-se que as formas de coesão e desintegração desempenham um papel significativo na manutenção da invisibilidade social. Mesmo que se tenha consciência de que a exclusão não é ética, ainda assim há uma tentativa de se distanciar do grupo de pessoas que carecem de status. Esse movimento resulta na criação de normas que estabelecem que indivíduos de classes sociais mais baixas, em profissões desfavorecidas e com baixa escolaridade, são considerados como excluídos da sociedade e devem permanecer à margem dela. Isso evidencia que a sociedade, muitas vezes, é guiada pelo status e pelo reconhecimento social. Esses comportamentos, nesse contexto, são sintomas da sociedade contemporânea, que enfrenta as consequências da cultura do consumo, onde o individualismo prevalece.

Os resultados da pesquisa destacam o papel crucial da rede de atenção básica de saúde no atendimento a vítimas de violência, ressaltando sua importância na prevenção e identificação de casos violentos. A análise abordou vários aspectos da Atenção Básica à Saúde, enfatizando a necessidade de implementação para combater a violência.

A temática da violência é ampla e complexa, demandando a discussão de um projeto político de saúde fundamentado em valores como cidadania e compromisso social. O estudo propõe uma revisão dos métodos de gestão tradicionais, destacando a influência de conhecimentos, poderes e relações interpessoais na área profissional.

Os impactos psicossociais da violência nas grandes cidades, especialmente em populações mais afetadas, revelam a necessidade de explorar e discutir oportunidades de suporte. Reconhecer as experiências dos agentes comunitários e saberes locais pode facilitar a integração, promovendo novas formas de interação essenciais para o cuidado em saúde mental.

A expansão da rede de atenção primária é crucial para desenvolver estratégias psicossociais no território, mesmo diante de desafios. A transição das estratégias de cuidado para o contexto do território requer esforços, seja por meio de parcerias com Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) ou do Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF). Assim, as estratégias de cuidado precisam ser aprimoradas, considerando a complexidade teórico-metodológica e a flexibilidade operacional no campo da atenção psicossocial brasileira.

A pesquisa destaca a importância da valorização dos coletivos no trabalho em comunidades afetadas pela violência, favorecendo espaços de comunicação que respeitem o conhecimento local. Além disso, as leis e portarias elaboradas visam não apenas combater, mas também prevenir a violência, contribuindo para a construção de uma cultura de paz.

Em conclusão, o estudo ressalta a necessidade de transformações significativas nas práticas e políticas de saúde, buscando uma abordagem mais

integrada e sensível às complexidades da violência e invisibilidade social na sociedade contemporânea.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Saúde. **Secretaria de Atenção à Saúde**. Departamento de Atenção Básica. Política Nacional de Atenção Básica. – Brasília, 2012.

BRASIL. Manual para Atendimento às Vítimas de Violência na Rede de Saúde Pública do Distrito Federal/Laurez Ferreira Vilela (coordenadora) – Brasília: Secretaria do Estado de Saúde do DF, 2008.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Impacto da Violência na Saúde** dos Brasileiros; p. 340. Brasília, DF; 2005.

FRANCO C. M.; FRANCO, T. B. Linhas do Cuidado Integral: Uma proposta de organização da rede de saúde. Secretaria Estadual do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://www.saude.rs.gov.br/>. Acessado em 10/07/2018.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MINAYO, M. C. S.; SOUZA, E. R de. Violência e saúde como campo interdisciplinar e de ação coletiva. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. IV(3): 513-531, nov. 1997-fev. 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br//>. Acessado em 03 /07/2018

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. Micropolítica: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1986.

HELLER, Agnes. O Cotidiano e a História. São Paulo: Paz e Terra, 2000

LACAN, Jaques. O Seminário: o eu na Teoria de Freud e na Técnica da Psicanálise. Editora Zahar, 1955.

MINAYO, M. C. S; DESLANDES, S. F. Análise da implantação da rede de atenção às vítimas de acidentes e violências segundo diretrizes da Política Nacional de Redução da Morbimortalidade sobre Violência e Saúde. Revista Ciência & Saúde Coletiva. 14(5); 2009. Organização Mundial da Saúde. Relatório mundial sobre violência e saúde. OMS Genebra; 2002.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em Educação. São Paulo: Atlas, 1987.

Secretaria Municipal de Saúde. **Coordenação da Atenção Básica**. Linha de Cuidado para Atenção Integral à Saúde da Pessoa em Situação de Violência do Município de São Paulo. São Paulo. SP, 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *IDH dos bairros da cidade do Rio de Janeiro 2010*. Disponível em: <Disponível em: [http://www.wikirio.com.br/IDH dos bairros da cidade do Rio de Janeiro](http://www.wikirio.com.br/IDH_dos_bairros_da_cidade_do_Rio_de_Janeiro) >

Acesso em: 1 ago. 2013.

KRUG, E. G. et al. (Org.). *Relatório mundial sobre violência e saúde* Genebra: Organização Mundial da Saúde, 2002.

## 5. PROFISSÕES INVISÍVEIS: A INVISIBILIDADE DOS SEPULTADORES DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

*Pedro Henrique dos Santos*

### RESUMO

Este artigo científico tem como objetivo mostrar e explicar a relação entre o trabalho e a invisibilidade social, destacando que o trabalho é fundamental para a humanidade e possui diferentes significados em cada sociedade ao longo do tempo. A invisibilidade social ocorre quando certos indivíduos ou grupos são ignorados ou não reconhecidos pela sociedade em geral, abrangendo não apenas questões de gênero, raça e etnia, mas também trabalhadores de profissões consideradas inferiores (CARLOU, 2019). Esse artigo também destaca os sepultadores, profissionais que trabalham nos cemitérios realizando tarefas relacionadas ao sepultamento de corpos. Apesar de desempenharem um papel fundamental, esses profissionais muitas vezes são invisíveis e não recebem o devido reconhecimento da sociedade. A natureza discreta e reservada do trabalho dos sepultadores, associada a tabus sociais e estereótipos, contribui para essa invisibilidade. Porém, apesar dos estigmas e da discriminação, eles encontram maneiras de lidar com a invisibilidade e afirmar o valor de seu trabalho. Portanto, este artigo aborda a invisibilidade social relacionada ao trabalho, destacando tanto os trabalhadores invisíveis em profissões menos valorizadas quanto os sepultadores, que enfrentam a falta de reconhecimento devido à natureza de seu trabalho. Esse artigo também ressalta a busca de ressignificação dessas ocupações e a importância de valorizar o trabalho realizado por esses grupos.

**Palavras-chave:** trabalho, invisibilidade social, profissões invisíveis, sepultadores, valorização do trabalho.

### INTRODUÇÃO

Apesar da importância dos trabalhos que exercem, alguns profissionais são invisibilizados. Constituem os chamados “profissionais invisíveis” aqueles trabalhadores tanto informais como registrados, e essa invisibilidade de tais

indivíduos se sucede pelo preconceito por parte de uma parcela da sociedade, além do poder aquisitivo desses profissionais serem menores e por muitas vezes seus direitos não são respeitados.

A classe trabalhadora que mais faz parte desses profissionais invisíveis, a classe baixa, muitas vezes não é notada devido ao grande crescimento desenfreado dos centros urbanos. Assim, o cidadão, que muitas vezes vive em estado de alerta devido às suas atividades diárias e horários apertados, não consegue notar as pessoas que exercem esses trabalhos essenciais para a nossa sociedade. (ARAÚJO, 2023)<sup>15</sup>.

É importante reconhecer que os profissionais invisíveis desempenham papéis importantes e muitas vezes essenciais na sociedade, mesmo que não sejam amplamente notados. Esses profissionais muitas vezes enfrentam condições precárias de trabalho, baixa remuneração e falta de reconhecimento por sua contribuição.

Muitos desses trabalhadores são frequentemente subestimados pela sociedade, principalmente aqueles que não possuem um diploma, posição social ou econômica. Ter um diploma pode influenciar significativamente a nossa carreira profissional. Em muitos setores, a obtenção de um diploma ou certificação formal é um requisito mínimo para o acesso a certas oportunidades de emprego e para o avanço na carreira. No entanto, é importante reconhecer que mesmo sem um diploma, esses profissionais desempenham tarefas valiosas e muitas vezes exigem que outros não tenham coragem de fazer, seja um trabalho físico ou uma função essencial para a comunidade. (BISPO, 2020)<sup>16</sup>.

Esses trabalhos que carregam um estigma de invisibilidade são desprovidos de *status*, *glamour*, reconhecimento social e por diversas vezes mantêm uma remuneração inadequada, além disso, boa parte dessas

---

<sup>15</sup> ARAÚJO, Felipe. “**Trabalhadores invisíveis**”. Info Escola. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/sociedade/trabalhadores-invisiveis/#estudo-de-campo>>. Acesso em: 23 de março de 2023.

<sup>16</sup> BISPO, Thamires. “**Trabalhadores longe dos holofotes da sociedade**”. Jornal Semanário. Disponível em: <<https://jornalsemanario.com.br/trabalhadores-longe-dos-holofotes-da-sociedade/>>. 05 de julho de 2020. Acesso em: 23 de março de 2023.

profissões está relacionada à questão da “servidão”, tais como garis, faxineiras, coletores, camelôs, cobradores de ônibus, ascensoristas, sepultadores, frentistas, entregadores, garçons, entre outros.

Pode-se mencionar a situação dos entregadores de panfleto, que recebem uma remuneração precária e auxílio na forma de lanches, além de profissionais que atuam em setores de serviços e são considerados invisíveis. Esses exemplos destacam a realidade de trabalhadores que desempenham funções importantes, mas não recebem a devida visibilidade e valorização. (ARAÚJO, 2023)<sup>17</sup>.

A prática do trabalho exerce uma influência significativa na construção do indivíduo, contribuindo para a estruturação das relações sociais, a formação de posições hierárquicas e a perpetuação de formas de segregação. A invisibilidade dessas profissões está profundamente enraizada em nossa sociedade, muitas vezes levando os próprios trabalhadores a não perceberem que pertencem a essa 'classe invisível'. (RODRIGUES, 2023)<sup>18</sup>.

Vivemos em um mundo segmentado, no qual surgiram nichos e formas complexas de organização que funcionam como uma engrenagem na produção e/ou utilização dos recursos. No entanto, surge uma grande questão quando permitimos que esses processos, que fazem parte das divisões do trabalho, se confundam com a maneira como enxergamos o indivíduo. (REZENDE, 2016)<sup>19</sup>.

Para que esse hábito, tantos dos trabalhadores, quanto das pessoas, incluindo nós, da sociedade, de torná-los invisíveis não permaneça, é necessário entender qual é a raiz desse problema e o porquê ele ocorre. E

---

<sup>17</sup> ARAÚJO, Felipe. “**Trabalhadores invisíveis**”. Info Escola. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/sociedade/trabalhadores-invisiveis/#estudo-de-campo>>. Acesso em: 23 de março de 2023.

<sup>18</sup> RODRIGUES, Lucas de Oliveira. “**As relações de trabalho e a sociedade**”. Brasil Escola. Disponível em: <<https://brasilescola.uol.com.br/sociologia/o-trabalho-futuro.htm>>. Acesso em: 20 de abril de 2023.

<sup>19</sup> REZENDE, Eliana. “**O Trabalhador Invisível**”. ER Consultoria | Gestão de Informação e Memória Institucional. Disponível em: <<https://eliana-rezende.com.br/o-trabalhador-invisivel/>>. Acesso em: 19 de maio de 2023.

trazer à tona o tema faz com que valorizamos essas profissões, e acima disso as pessoas que a exercem.

Buscar entender a dinâmica de cada profissão ou mesmo aproximar-se e agradecer pelo trabalho, já consiste em pequenos passos para a mudança social. Por isso a importância de trazer o tema “profissões invisíveis” à tona.

Um dos profissionais que se encaixam nessa categoria de invisíveis são os sepultadores. Os sepultadores desempenham um papel essencial na nossa sociedade, o que foi provado inclusive durante a pandemia da Covid-19, em que vivemos. Esses profissionais são responsáveis pelo cuidado e sepultamento dos corpos, desempenhando um papel crucial no processo de despedida e luto das famílias que perderam entes queridos.

Neste artigo, será abordada a importância que esses trabalhadores desempenham na nossa sociedade, e como exercem uma função essencial. Além de trazer como esses profissionais foram invisibilizados pela sociedade principalmente durante a pandemia, e como tiveram que lidar com essa invisibilidade durante esse período. Esse artigo terá como base a leitura e análise dos artigos acadêmicos **“O Trabalho Sujo como a Morte: o Estigma e a Identidade no Ofício de Coveiro”** de Monteiro et al. 2017, publicado na RIGS – Revista Interdisciplinar de Gestão Social, e **“Coveiro não! Sepultador! Antes invisíveis. Na pandemia, essenciais. E, depois?”** de Oliveira et al. 2021, publicado no site da FIOCRUZ – CESTEJH – Centro de Estudos da Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana e no depoimento **“A História do Coveiro Filósofo”** de Cândido 2021, publicado na Revista Piauí.

## **O TRABALHO E A INVISIBILIDADE SOCIAL**

Segundo Souza (2023), o trabalho é essencial para a humanidade desde a pré-história. Durante esse período, ferramentas foram desenvolvidas para auxiliar o ser humano em suas atividades. Através do trabalho, o ser humano transforma a natureza e produz os bens e serviços necessários para a sua sobrevivência e desenvolvimento.

Como a sociedade entende o trabalho é influenciada pelos contextos políticos, culturais e econômicos da história de cada povo. Cada sociedade atribui um significado diferente ao trabalho, e essa noção varia conforme as características históricas, políticas, sociais e econômicas específicas de cada sociedade.

Ao longo da história, a humanidade desenvolveu diferentes modos de trabalho, como o primitivo, escravo, feudal, capitalista e socialista. Esses modos de trabalho refletem as relações de produção, as formas de organização social e as estruturas econômicas de cada época. (SOUZA, 2023).

Portanto, o trabalho é uma atividade fundamental para a humanidade, moldado por diferentes contextos históricos e sociais, e assumindo significados diversos nas diferentes sociedades ao longo do tempo.

Segundo Carlou (2019), o conceito de invisibilidade social refere-se à condição na qual certos indivíduos ou grupos de pessoas são ignorados, excluídos ou não reconhecidos pela sociedade em geral. Essas pessoas são marginalizadas ou negligenciadas, suas necessidades, experiências e contribuições são desconsideradas, resultando em sua invisibilidade social.

A invisibilidade social é um fenômeno que se estende além das questões de gênero, raça e etnia. Também está relacionada à forma como são percebidos os trabalhadores de profissões desprovidas de *status*, *glamour*, reconhecimento social e remuneração adequada (ZWEIG, 2014).

Em uma sociedade onde o consumo material é um fator determinante do posicionamento nas classes socioeconômicas, esses trabalhadores muitas vezes passam despercebidos e não são considerados seres humanos, mas sim como meros "elementos" que realizam tarefas menos valorizadas.

De acordo com Zweig (2014), um aspecto significativo da invisibilidade social é expresso pelos uniformes utilizados por esses trabalhadores, que servem como um indicador visível de sua posição social inferior. Os uniformes

podem reforçar a percepção de que essas pessoas não possuem qualificação suficiente para pertencer à hierarquia social dominante. Além disso, trabalhos manuais, mesmo que sejam fundamentais para a sociedade, frequentemente sofrem de falta de reconhecimento e são considerados inferiores por serem associados à sujeira, repetição e falta de inteligência.

Essas formas de invisibilidade social têm implicações econômicas significativas, uma vez que a sociedade muitas vezes subvaloriza a importância desses trabalhadores e de suas contribuições. A falta de reconhecimento e devida valorização dessas profissões pode resultar em baixa remuneração, falta de oportunidades de progressão na carreira e condições de trabalho precárias (ZWEIG, 2014).

A invisibilidade social abrange não apenas questões de identidade de gênero, raça e etnia, mas também engloba a falta de reconhecimento e valorização de trabalhadores em profissões consideradas de *status* inferior. Essa invisibilidade tem impactos sociais e econômicos significativos e merece uma reflexão crítica e ações para combater as desigualdades e promover uma sociedade mais justa e inclusiva.

## **AS PROFISSÕES E OS TRABALHADORES INVISÍVEIS**

Os novos paradigmas existentes no mundo do trabalho de hoje trouxeram consigo um termo recorrente: "trabalho invisível". Esse termo é usado para descrever ocupações que geralmente possuem baixa qualificação, pouca ou nenhuma proteção trabalhista e, em sua maioria, são temporárias. Essas ocupações estão fora dos sistemas de proteção social, o que contribui para sua invisibilidade social. (NUNES,2007).

O termo "trabalho invisível" refere-se a ocupações e atividades essenciais para o funcionamento da sociedade, mas são subvalorizadas, pouco reconhecidas ou até desconhecidas pela maioria das pessoas. Frequentemente associadas à informalidade e à falta de proteções sociais,

essas ocupações ficam à margem, resultando em condições de trabalho precárias e na marginalização dos trabalhadores na sociedade.

De acordo com Castro (2021), as profissões invisíveis referem-se a ocupações e atividades que desempenham um papel fundamental na sociedade, mas muitas vezes são pouco valorizadas, pouco visíveis ou até desconhecidas pelo público. Essas profissões são essenciais para o funcionamento de uma comunidade, mas geralmente trabalham nos bastidores, sem receber o reconhecimento adequado, e embora essas ocupações sejam invisíveis, seu impacto é significativo.

Em seu texto “Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?”, Marcia de Oliveira Teixeira utiliza o termo “batalhadores” para se referir a um grupo específico de trabalhadores no Brasil. Segundo Teixeira (2013), esses indivíduos são caracterizados por estarem envolvidos em diversas formas de trabalho, como empreendedorismo de pequena escala, trabalho informal ou empregos assalariados em pequenas e médias indústrias.

Os “batalhadores” enfrentam condições de trabalho precárias, direitos trabalhistas limitados e uma dinâmica de mercado imprevisível. Eles frequentemente lidam com longas jornadas de trabalho, falta de segurança no trabalho e ambientes laborais insalubres. Apesar desses desafios, eles lutam por uma vida melhor, almejando emprego estável, moradia, segurança alimentar e educação para si e suas famílias (TEIXEIRA, 2013).

Os trabalhadores invisíveis, que são aqueles que desempenham funções pouco valorizadas e frequentemente esquecidas na sociedade. São profissionais que realizam trabalhos como limpeza, embalagem, atendimento ao público, entre outros, em diversos setores, como shoppings, tribunais e supermercados. Muitas vezes, esses trabalhadores são marginalizados e enfrentam condições precárias de trabalho.

Essa invisibilidade ocorre porque essas ocupações são consideradas de menor importância ou facilidade de execução,

o que resulta em pouca preocupação jurídica em relação a seus direitos trabalhistas. Além disso, muitos desses trabalhadores atuam no mercado informal, onde suas condições de trabalho também são precárias. (CASTRO, 2021, p. 134)

Esses profissionais são desconhecidos ou pouco reconhecidos não apenas devido ao ritmo acelerado e demandas da sociedade moderna, mas também porque suas atividades não são consideradas interessantes ou valorizadas socialmente.

Esse tipo de trabalho invisível é amplamente presente na informalidade, onde os trabalhadores não possuem vínculos formais com o Estado ou instituições civis. Como resultado, esses trabalhadores ficam à margem dos benefícios e direitos trabalhistas que deveriam ser garantidos. Essa invisibilidade social surge devido à falta de vínculos empregatícios e proteções legais, o que leva a uma ausência de reconhecimento e valorização desses trabalhadores na sociedade. (NUNES, 2007)

Dessa forma, os trabalhadores invisíveis estão inseridos nesse contexto de trabalho precário, caracterizado pela informalidade e pela ausência de proteções sociais, o que contribui para sua invisibilidade tanto no âmbito legal quanto no reconhecimento social.

## **QUEM SÃO OS SEPULTADORES?**

Sepultadores são profissionais que trabalham nos cemitérios realizando diversas tarefas relacionadas ao sepultamento de corpos. Eles são responsáveis por garantir a organização do local, realizar a abertura das covas onde os corpos serão enterrados, cobrir as sepulturas, carregar caixões, realizar sepultamentos e exumações, além de outras funções relacionadas ao processo de enterro (PORTARI, 2011).

Os sepultadores desempenham um papel fundamental no cuidado e manutenção dos cemitérios, assegurando que os procedimentos sejam realizados de forma adequada e respeitosa. Esses profissionais estão

familiarizados com os rituais e protocolos relacionados ao sepultamento, trabalhando com sensibilidade e respeito pela dor e luto das famílias.

Tanto "coveiro" quanto "sepultador" são termos corretos para se referir à pessoa que trabalha no cemitério preparando as covas onde os falecidos serão enterrados. Ambas as palavras descrevem a mesma profissão e são amplamente utilizadas. A escolha entre os termos pode variar conforme a região ou a preferência individual (APPEL e MOREIRA, 2020).

### **A INVISIBILIDADE DOS SEPULTADORES**

A invisibilidade dos sepultadores é um aspecto frequentemente associado a essa profissão, já que esses profissionais desempenham seu trabalho muitas vezes sem receber o devido reconhecimento e atenção da sociedade. Embora exerçam uma função crucial na preparação e realização dos enterros, sua presença e contribuição muitas vezes passam despercebidas. (MONTEIRO, et al., 2017)

Os sepultadores trabalham nos bastidores dos cemitérios, realizando suas tarefas de forma discreta e respeitosa. Sua atuação está intimamente ligada ao momento de luto e tristeza das famílias enlutadas, e eles se esforçam para garantir que o processo de sepultamento ocorra de maneira adequada, digna e respeitosa. No entanto, essa natureza discreta do trabalho pode levar à invisibilidade social desses profissionais.

Segundo Monteiro et al. (2017) essa invisibilidade pode ser atribuída a vários fatores, como tabus sociais relacionados à morte e ao luto, bem como estereótipos e preconceitos associados à profissão. Além disso, a falta de visibilidade pode ser resultado da natureza silenciosa e reservada do trabalho dos sepultadores, que muitas vezes ocorre nos bastidores, sem grande destaque na sociedade.

O Sistema Nacional de Empregos (SINE) de 2017 reforça que geralmente, a formação escolar exigida para ser coveiro/sepultador é o ensino fundamental, e a maioria desses profissionais possui carteira assinada com

remuneração em torno de 1 salário mínimo, acrescido de insalubridade. A falta de um diploma ou de um grau maior de escolaridade, faz com que esses profissionais se tornem ainda mais invisíveis pelos olhos da sociedade.

Além disso, o lidar com a morte e suas implicações faz com que esses profissionais sejam estigmatizados pela sociedade. O trabalho do sepultador é muitas vezes associado a sujeira, impureza e odores desagradáveis, o que contribui para a estigmatização social dessa ocupação.

Os sepultadores adotam estratégias sociais para moderar esses estigmas. Uma delas é a ressignificação, na qual contestam a ideia de que seu trabalho é sujo e anormal, enfatizando que é um serviço comum e normal. No entanto, mesmo com essas estratégias, esses profissionais enfrentam discriminação e desrespeito por parte da sociedade. (MONTEIRO et al. 2017)

Outra estratégia é a recalibragem, na qual destacam a importância de sua atividade e a coragem necessária para desempenhá-la. Eles ressaltam que, sem os sepultadores, não seria possível realizar os enterros adequadamente. Essa estratégia busca reorientar a percepção das pessoas e mostrar que o trabalho deles é essencial<sup>20</sup>.

De acordo com Monteiro et al. (2017), alguns profissionais da área, utilizam a reorientação, na qual se identificam como trabalhadores braçais ou até preferem mencionar que trabalham na administração do cemitério, em vez de dizerem que são apenas sepultadores/coveiros. Para que assim sejam menos invisibilizados, mostrando que socialmente, ser do administrativo é considerado mais relevante do que o trabalho braçal dos sepultadores.

Apesar dessa invisibilidade na profissão, muitos sepultadores se orgulham de exercer essa profissão. Muitos desses profissionais entendem que no início, enfrentam dificuldades para se adaptar ao contexto de trabalho, mas com o tempo se acostumam e passam a lidar com a situação de forma mais

---

<sup>20</sup> Ibidem

natural e à medida que se identificam com a profissão, executam o trabalho com mais cuidado, respeitando tanto o ofício quanto as famílias presentes nos sepultamentos. Ser coveiro/sepultador vai se tornando parte intrínseca de suas vidas, auxiliando na formação de sua identidade. O Lidar com a morte não se limita apenas a uma tarefa operacional, mas requer também cuidado emocional e solidariedade para com as famílias enlutadas<sup>21</sup>.

## **OS SEPULTADORES E A PANDEMIA DA COVID-19**

A pandemia de Covid-19 se espalhou rapidamente pelo mundo desde o seu surgimento em dezembro de 2019 na cidade de Wuhan, na China. A doença se disseminou para diversos países levando a Organização Mundial da Saúde (OMS) a declarar uma pandemia em março de 2020. Desde esta data, a Covid-19 se propagou globalmente, afetando milhões de pessoas e resultando em milhões de mortes.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou, em 30 de janeiro de 2020, que o surto da doença causada pelo novo coronavírus (Covid-19) configura Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional – o mais alto nível de alerta da Organização. O painel MONITORA COVID-19 da Fiocruz contabilizou, até o dia 02/08/2020, 2.734.619 registros de casos de Covid-19 e 94.158 óbitos. O número de mortos é superior a duas vezes e meia o total de óbitos causados pela Gripe Espanhola. Segundo Tajra e Marins (2020) a Gripe Espanhola ceifou, só no Brasil, 35 mil vidas em três ondas ocorridas entre 1918 e 1920. Já à Covid-19 já ceifou em 4 meses mais de 94 mil vidas estando ainda na primeira onda (OLIVEIRA et al. 2021).

Durante a pandemia, alguns profissionais enfrentaram desafios significativos, lidando diretamente com as consequências desse período e enfrentando riscos diários em seu trabalho. Os sepultadores foram uma das classes que enfrentaram essa situação.

De acordo com Oliveira et al. (2021), antes mesmo da pandemia os sepultadores já enfrentavam diversos desafios dentro do ambiente de trabalho, como condições de trabalho insalubres, riscos à saúde física (esforços físicos e

---

<sup>21</sup> Ibidem

posturas de forçadas, podendo levar a lesões musculoesqueléticas e aumentar o risco de acidentes), exposição a doenças, impacto psicológico (lidar com a morte regularmente pode ser emocionalmente desafiador e afetar a saúde mental dos trabalhadores), e a importância de medidas de proteção e treinamento adequado para esses profissionais.

Com a pandemia no Brasil, a vida e a situação desses profissionais ficou insustentável em muitas localidades, e com o aumento substancial no número de sepultamentos, as condições de trabalho que eram péssimas, acabaram ficando ainda piores, pois aquelas condições anteriormente mencionadas não foram sanadas ou adequadas para a nova realidade de trabalho.

[...] o número de enterros diários saltou de 40 para 58 nas últimas semanas, o que significa uma elevação de cerca de 45% no número de enterros, o que já estava insustentável passou a tangenciar a impraticabilidade [...] (OLIVEIRA et al. 2021).

O aumento progressivo do número de mortes fez com que a profissão de sepultador ganhasse mais destaque nos noticiários. No entanto, o foco principal não foi tanto nos profissionais, mas sim na quantidade de covas que eram abertas diariamente.

No decorrer da pandemia o uso de equipamento de proteção individual (EPI) foi destaque devido à necessidade de proteção dos profissionais, porém a escassez desses equipamentos comprometeram a segurança e a saúde dos trabalhadores, aumento o risco de contrair a doença e contaminar suas famílias, além de gerar medo nos profissionais.

[...] eu tinha certeza de que ia morrer também. Afinal, era eu quem pegava os caixões. Nós, coveiros, não tínhamos EPI [equipamentos de proteção individual] nem vacina, então a gente trabalhava improvisando. Eu fazia os sepultamentos com as mãos tremendo de pavor. Tanto que tomava cinco, seis banhos por dia. Minha vida virou um inferno desde então. Pior mesmo é quando chega o nome do falecido e eu reconheço que era um vizinho ou amigo. Já enterrei muitos amigos por Covid-19 e cada vez que eu via um deles ir embora sentia que o mundo diminuía um pouco. Minha capacidade de entendimento também diminuiu (CÂNDIDO, 2021).

Segundo Oliveira et al. (2021), é necessário destacar que o trabalho desses profissionais é extenuante, arriscado e sujeito a diversas adversidades. E que é necessário lembrar que os sepultadores são mais do que meros profissionais responsáveis por sepultamentos, eles são pessoas com sentimentos, angústias, amores e famílias. Eles também sentem a dor das famílias que perderam seus entes queridos.

Os sepultadores fazem parte de um grupo de bilhões de pessoas que precisam vender sua força de trabalho para sobreviver, muitas vezes independentemente das condições de trabalho.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Durante a elaboração deste artigo e das pesquisas realizadas, percebe-se que a invisibilidade dos sepultadores pode ser atribuída a tabus sociais relacionados à morte, estereótipos e preconceitos associados à profissão, falta de visibilidade devido à natureza discreta do trabalho e falta de escolaridade formal exigida para a profissão.

É fundamental que a sociedade reconheça a identidade desses profissionais invisíveis, compreendendo sua importância como "peças" essenciais na estruturação das classes econômicas. É crucial respeitar a dignidade humana e estar consciente da necessidade de colocar esse respeito em prática.

No artigo intitulado "**O Trabalho Sujo como a Morte: o Estigma e a Identidade no Ofício de Coveiro**" de Monteiro et al. (2017), discute-se a invisibilidade dos sepultadores, os desafios que eles enfrentam, as estratégias de enfrentamento adotadas e a importância de valorizar sua profissão. Essas informações fornecem uma base sólida para uma reflexão mais ampla sobre o assunto, oferecendo percepções valiosas para promover o reconhecimento desses profissionais.

Ressaltar a importância do trabalho dos sepultadores e reconhecer sua dedicação e contribuição para a sociedade é muito importante. Eles desempenham um papel fundamental na garantia de um sepultamento digno e respeitoso, respeitando as normas e rituais culturais relacionados ao luto.

No artigo intitulado "**Coveiro não! Sepultador! Antes invisíveis. Na pandemia, essenciais. E, depois?**" de Oliveira et al. (2021), destaca-se o agravamento das condições de trabalho dos sepultadores durante a pandemia de Covid-19, evidenciando os riscos adicionais a que foram expostos e o impacto em sua saúde física e mental. A escassez de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) e a falta de medidas adequadas de proteção representaram desafios significativos enfrentados por esses profissionais. Reconhecer a importância desses trabalhadores, considerar suas condições de trabalho e buscar formas de melhorar sua segurança e bem-estar são medidas necessárias.

Apesar de terem ganhado grande destaque durante a pandemia, não há dados específicos sobre o número exato de sepultadores/coveiros que morreram devido à COVID-19. Embora existam informações disponíveis sobre outros profissionais que trabalharam diretamente com a doença, não há dados específicos sobre os sepultadores afetados pela pandemia.

O depoimento de Cândido (2021) intitulado "A História do Coveiro Filósofo" desempenhou um papel significativo no processo de criação da minha pesquisa. Nesse relato, Cândido compartilha suas experiências durante a pandemia, abordando as dificuldades enfrentadas e proporcionando reflexões profundas. Ele expressa o impacto da crise sanitária em sua vida e trabalho, compartilhando o medo de contrair a doença e descrevendo o sentimento de impotência diante das inúmeras mortes. No entanto, Cândido enfatiza a importância de cumprir seu dever como sepultador, encontrando sua liberdade nessa responsabilidade. Através desse relato inspirador, obtive o entendimento e uma compreensão mais profunda sobre os desafios e a resiliência dos profissionais da área durante a pandemia, o que enriqueceu minha pesquisa.

É necessário refletir criticamente sobre a invisibilidade social dos trabalhadores em profissões menos valorizadas e tomar medidas para combater as desigualdades, promovendo uma sociedade mais justa e inclusiva. Reconhecer e valorizar o trabalho de todas as pessoas, independentemente da natureza ou status da profissão que exercem, é essencial.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Felipe. **“Trabalhadores invisíveis”**. Info Escola. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/sociedade/trabalhadores-invisiveis/#estudo-de-cao>>. Acesso em: 23 de março de 2023.

APPEL, Camila; MOREIRA, Jessica. **“MORTE SEM TABU o medo é tão denso que dá para pegar com a mão – desabafa coveiro em áudios-diários ao blog”**. Folha de São Paulo. Disponível em: <<https://mortesemtabu.blogfolha.uol.com.br/2020/04/05/o-medo-e-tao-denso-que-da-para-pegar-com-a-mao-desabafa-coveiro-em-audios-diarios-ao-blog/?loggedpaywall>>. 05 de abril de 2020. Acesso em 31 de maio de 2023.

BISPO, Thamires. **“Trabalhadores longe dos holofotes da sociedade”**. Jornal Semanário. Disponível em: <<https://jornalsemanario.com.br/trabalhadores-longe-dos-holofotes-da-sociedade/>>. 05 de julho de 2020. Acesso em: 23 de março de 2023.

CÂNDIDO, Osmair. **“A História do Coveiro Filósofo”**. Revista Piauí. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/historia-do-coveiro-filosofo/>>. 18 de junho de 2021. Acesso em: 09 de junho de 2023.

CARLOU, Amanda. **“Cotidiano social e inserção laboral de jovens e adultos com deficiência intelectual: relatos pessoais”**. Rio de Janeiro. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2019.

CASTRO, Maria Rafaela de. **“Os trabalhadores invisíveis”**. São Paulo. Revista TST, São Paulo, vol. 87, nº 2, abr./jun. 2021.

MONTEIRO, Daniel Francisco Bastos, et al. **“O Trabalho Sujo com a Morte: o Estigma e a Identidade no Ofício de Coveiro”**. Salvador. RIGS - Revista Interdisciplinar de Gestão Social. Universidade Federal da Bahia, Salvador, vol. 6, nº 1, pp.77 -98, jan./abr. 2017.

NUNES, Cauê. **“Invisibilidade social dos trabalhadores”**. São Paulo. Revista Ciência e Cultura, vol. 59, nº 3. São Paulo, July/Sept. 2007.

OLIVEIRA, Irene Machado de, et al. **“Coveiro não! Sepultador! Antes invisíveis. Na pandemia, essenciais. E, depois?”**. FIOCRUZ – CESTEH – Centro de Estudos da Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana. Disponível em: <<http://www.cesteh.ensp.fiocruz.br/coveiro-nao-sepultador-antes-invisiveis-na-pandemia-essenciais-e-depois>>. Acesso em: 02 de junho de 2023.

PORTARI, Douglas. **“C – Coveiro (sepultador)”**. \*Dicionário Ilustrado de Ofícios\* Trabalhadores do Brasil em verbetes. Disponível em: <<https://dicionariodeoficios.blogspot.com/2011/07/c-coveiro-sepultador.html>>. 30 de julho de 2011. Acesso em: 27 de maio de 2023.

REZENDE, Eliana. **“O Trabalhador Invisível”**. ER Consultoria | Gestão de Informação e Memória Institucional. Disponível em: <<https://eliana-rezende.com.br/o-trabalhador-invisivel/>>. 28 de abril de 2016. Acesso em: 19 de maio de 2023.

RODRIGUES, Lucas de Oliveira. **“As relações de trabalho e a sociedade”**. Brasil Escola. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/o-trabalho-futuro.htm>>. Acesso em: 20 de abril de 2023.

SOUZA, Thiago. **“História do trabalho: definição, significado e tipos de trabalho”**. Toda Matéria. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/historia-do-trabalho/>>. Acesso em: 05 de maio de 2023.

TEIXEIRA, Marcia de Oliveira. **“Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?”**. SciELO - Scientific Electronic Library Online. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/tes/a/bFsNwvrWvLrZZp8r5H7pK6x/?lang=pt>>. 22 de maio de 2013. Acesso em 02 de junho de 2023.

ZWEIG, David. **“Invisibles: The Power of Anonymous Work in an Age of Relentless Self-Promotion”**. Canadá. Penguin Books. 2014.

## 6. TRABALHO NO SÉCULO XXI

*Tiago Pereira dos Santos Silva*

### RESUMO

Este artigo científico tem como objetivo comparar, mostrar e explicar como os novos modelos de trabalho no século XXI impactaram na disponibilidade de empregos, assim como contribuiu na precarização e flexibilização dos métodos laborais ao longo das últimas décadas. Com a implementação de mecanismos como os sistemas de redes, internet das coisas, Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) e outros recursos relacionados à Indústria 4.0. (ou Quarta Revolução Industrial), nos anos 2000 e 2010, o boom de novos trabalhos digitais levou à possibilidade de atuar remotamente, sem a necessidade de ter vínculo direto com uma empresa ou estar presencialmente em uma sede dela. Novas formas de trabalho surgiram e as antigas se adaptaram às inovações tecnológicas, assim como algumas funções se tornaram obsoletas e foram substituídas pela atuação das máquinas ou das redes de informação.

Dentro do trabalho digital, surgiram novas variantes de trabalho, como a uberização por meio das atividades de plataforma. Consequentemente, vieram as ações que precarizaram o trabalho, retiraram direitos trabalhistas e intensificaram a jornada de trabalho, dando retorno abaixo dos salários estipulados por empresas de vínculo.

Essas características de precarização podem levar o trabalhador a doenças mentais que, pela situação do século XXI, podem se tornar o novo mal e formar uma sociedade que se cansa rápido em prol da positividade, dos resultados certos e do trabalho intenso.

**Palavras-chave:** trabalho, uberização, precarização, internet, redes, trabalho digital, Indústria 4.0., cansaço.

## INTRODUÇÃO

A palavra trabalho tem diferentes significados e maneiras de abordagem para áreas diferentes, como Economia, Física, História, Filosofia e Sociologia. No âmbito sociológico, é o conjunto de atividades que um indivíduo exerce, física ou intelectualmente, para atingir uma meta ou conseguir a satisfação humana através da obtenção de mercadorias e serviços<sup>22</sup>.

Há formas de trabalho variadas que passaram - e ainda passam - por mudanças ao longo da história da humanidade, passando pelo trabalho artesanal, a manufatura<sup>23</sup> e a maquinofatura<sup>24</sup>. A partir da terceira e, após o contexto de revoluções industriais nos séculos XVIII e XIX e os avanços tecnológicos após as duas grandes guerras, no século XX, o desenvolvimento de novas máquinas e suas funções autônomas levaram a perda da funcionalidade humana em dois dos setores da economia – agricultura e pecuária no primeiro e, principalmente, a Indústria no segundo (Cavalcante, da Silva, 2011).

Em contraponto, a partir dos anos 1980 e 1990, o advento dos sistemas da informação, das redes de comunicação e, principalmente, o desenvolvimento e aprimoração da internet levaram a novas formas de trabalho e organização que tanto auxiliaram e aprimoraram profissões já consolidadas nos três setores econômicos, como geraram a possibilidade de novas formas de trabalho a partir do novo milênio. Tais fatores levaram a pontos benéficos e não benéficos para os seres humanos: ao passo em que o avanço tecnológico facilitou e acelerou a produção, a comunicação a nível global, os processos de transferência de recursos imateriais e transporte dos materiais (Bortoluzzi; Genari; Macke, 2017), com as chamadas tecnologias de informação e

---

<sup>22</sup> MIRANDA, Camila de Almeida. Mulheres garis: relatos de invisibilidade pública e violência simbólica – trecho baseado na proposta de Anthony Giddens em “Sociologia” (2005, p. 306). Disponível em [https://pt.scribd.com/read/405726513/Mulheres-garis#\\_search-menu\\_879320](https://pt.scribd.com/read/405726513/Mulheres-garis#_search-menu_879320). Acesso em 06 de abril de 2023.

<sup>23</sup> Obra feita a mão. Sucedeu o artesanato a partir do século XV e se tornou uma forma de produção do trabalho nas indústrias.

<sup>24</sup> Sistema de produção baseado na produção de bens materiais por meio do uso de máquinas, logo, um método de produção industrial.

comunicação (TIC)<sup>25</sup>, houve também os processos de redução e extinção de determinadas funções laborais por conta das automatizações das máquinas. Junto a isso, diversos empregos e formas de trabalho sofreram com processos de precarização que envolvem a flexibilização das relações trabalhistas, as terceirizações de funções e a migração de trabalhadores para atividades baseadas na informalidade, ou seja, sem vínculo empregatício (ANTUNES, 2020). Estas são características que englobam conceitos como a chamada “uberização”<sup>26</sup>, a “Indústria 4.0”<sup>27</sup> e o “trabalho digital”<sup>28</sup> (ANTUNES, 2020).

Assim, as tecnologias de informação e comunicação (TIC) [...] têm sido concebidas para aumentar substancialmente os lucros e a produtividade das empresas, intensificando a exploração e a espoliação da força de trabalho. A corrosão dos direitos trabalhistas na conjuntura atual se aproxima até mesmo de sua situação durante a fase primitiva da acumulação capitalista. (ANTUNES, 2020, p. 03).

Além disso, as jornadas de trabalho se tornaram mais longas tanto para quem realiza atividades laborais nestas condições, quanto para parte de colaboradores que, apesar de não estarem nestas categorias, supriram funções e atividades laborais de grupos demitidos por motivos diversos. Isso leva os trabalhadores a atuar com diversas tarefas no mesmo emprego e, muitas vezes, ao mesmo tempo. A pressão por resultados e eficiência em suas funções, somados ao desejo de ser um bom profissional e ascender por conta disso levam ao esgotamento mental e à fragmentação da atenção do ser humano e à fragmentação da atenção, características que, coletivamente, ajudam na formação de uma sociedade que escancara o seu cansaço com frequência (HAN, 2010).

O objetivo deste artigo é analisar, a partir de pesquisas bibliográficas baseadas nas obras organizadas de Ricardo Antunes (2020), na obra de

---

<sup>25</sup> Meios utilizados para tratar toda a informação e auxiliar na comunicação por meio destas tecnologias.

<sup>26</sup> É considerado um novo modelo de trabalho em que o profissional presta serviços para uma empresa sem que haja um vínculo empregatício. O termo foi popularizado junto a popularização do aplicativo de viagens Uber, em meados da década de 2010, no Brasil.

<sup>27</sup> Termo dado para a chamada Quarta Revolução Industrial, no qual envolve a melhoria dos processos de produção a partir da automação e de tecnologias relacionadas à informação.

<sup>28</sup> Termo para formas de trabalho que demandam de tecnologias informacionais como fatores essenciais ou auxiliares para o produto final.

Byung-Chul Han (2010), em artigos científicos como o de Zedequias Cavalcante e Mauro Luis Siqueira da Silva (2011), além da coleta de dados sobre o trabalho no Brasil no século XXI por meio de notícias e reportagens, o fenômeno do trabalho invisível à luz dos processos de precarização das opções de trabalho existentes e que, somadas aos processos de substituição de funções humanas por máquinas e algoritmos, aos esforços nas opções de labor disponíveis e às jornadas de trabalho cada vez maiores e com maior demanda, podem levar o ser humano a um processo de aceleração de seu cansaço – conforme as definições de Han – e para sua obsolescência prematura enquanto ser que trabalha, o que pode tornar a “invisibilidade” algo não somente relacionado à função do trabalho e as questões de cunho social envolvidas, mas também para a pessoa em si.

## **O IMPACTO TECNOLÓGICO NO MUNDO DO TRABALHO**

As configurações de trabalho vigentes têm características de sistemas e organizações de outros períodos da História, com um grande impacto dos meios de produção e produtos gerados pelas Revoluções Industriais. A introdução das máquinas, por exemplo, é o fator que abre essa transformação em sua primeira fase<sup>29</sup> - entre os séculos XVIII e XIX – e, ao longo dos anos, evolui do funcionamento a vapor para o elétrico e da necessidade da mão de obra humana no manuseio dos mecanismos para a automação dos processos de produção. Já nas organizações, o que antes era um sistema cuja mão de obra trabalhava diretamente para a empresa passou a ter uma onda de terceirizações<sup>30</sup>, descentralizando assim a mão de obra e contratando outras empresas para realizar determinadas atividades de imediato (MARCELINO, 2007) em prol da redução de custos e aumento dos lucros em diversos setores (ANTUNES, 2020).

As consequências destes processos levaram à Quarta Revolução Industrial ou Indústria 4.0, fase em que as inovações tecnológicas melhoraram

---

<sup>29</sup> Período datado do século XVIII (1760 a 1850), onde as indústrias surgiram pelo modelo de maquinofatura, com máquinas a vapor.

<sup>30</sup> Forma de organização estrutural do trabalho que permite empresas a transferir partes de suas atividades para outras empresas que contratam mão de obra barata e desafogam os custos dos meios de produção.

a organização e controle do trabalho (GONSALES em ANTUNES, 2020), principalmente no âmbito digital, com o aprimoramento de softwares<sup>31</sup> e hardwares<sup>32</sup>, a introdução da internet das coisas<sup>33</sup> e o avanço da robótica<sup>34</sup> que, impactada pela dinamização destes sistemas digitais, substituíram diversas funções laborais antes realizadas pelo ser humano.

Apesar disso, tanto surgiram novas funções laborais por conta dos sistemas digitais, da internet e da necessidade de pessoas para realizar tais trabalhos e manusear determinadas informações e produtos, quanto serviços já existentes tiveram um aprimoramento em seu desenvolvimento e no tempo de produção. Parte desses novos trabalhos, por entrarem no contexto do trabalho digital, flexibilizam a necessidade do ser humano de ir para um local e trabalhar fixamente nele, dando a possibilidade de não sair de casa e trabalhar por meio de um dispositivo como um computador ou celular. Criação de conteúdo multimídia, desenvolvimento de sistemas, envio de arquivos, tudo se tornou uma forma de trabalho no âmbito tecnológico.

Conseqüentemente, a interferência digital pode atrapalhar ou anular a relação física entre pessoas no âmbito trabalhista. Mark Graham e Mohammad Amir Anwar falam sobre como estas características:

Essa relação entre trabalhadores e local de trabalho torna-se mais complicada quando as matérias-primas com as quais as pessoas trabalham são a informação (...). A ferramenta, nesse caso, não seria uma pá, um arado ou uma máquina em uma fábrica, mas sim dispositivos que podem armazenar e transmitir informação de maneira instantânea (GRAHAM; ANWAR apud ANTUNES, 2020).

Junto ao avanço tecnológico e o aumento do número de trabalhos disponíveis, houve também o fortalecimento de métodos e regimes laborais que causaram terceirizações e levaram à flexibilização, precarização e individualização do trabalho.

---

<sup>31</sup> Conjunto de componentes lógicos que formam um sistema de processamento.

<sup>32</sup> Parte física de dispositivos como computadores, servidores e celulares. Composto de sistemas elétricos que fazem um dispositivo funcionar.

<sup>33</sup> Rede de objetos habilitados para Internet que transferem dados e se comunicam entre si.

<sup>34</sup> Ciência que estuda a construção e funcionamento de robôs para os mais diversos objetivos.

## OS NOVOS TRABALHOS NA ERA DIGITAL

### O TRABALHO DIGITAL

Denomina-se “trabalho digital” o conjunto de práticas que dependem de dispositivos de comunicação e que trabalham diretamente com o manuseio da informação, considerada a matéria-prima deste modelo laboral (GRAHAM; ANWAR, 2020). Ela é manipulada de forma remota, por meio de dispositivos de envio e recebimento de dados informacionais, como telefones celulares, computadores e servidores. Os trabalhadores deste contexto são considerados, segundo Ricardo Antunes (2009), “infoproletários”.

Esse método laboral se desenvolveu a partir dos anos 1980, considerados o marco inicial da primeira onda, no qual os processos de terceirização das empresas ocidentais levaram funções e trabalhos de importância secundária para cidades locais ou países com mão de obra e custos mais baratos (GRAHAM, ANWAR, 2020). A segunda onda, no entanto, surgiu a partir dos anos 2000 e concretizou nos anos 2010, com a disseminação do chamado trabalho de nuvem, ou *cloud work*, em que uma pessoa com acesso à internet pode acessar, manusear, completar e manipular as informações relacionadas às suas tarefas.<sup>35</sup>

Com a expansão do trabalho digital, consequência da evolução das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs)<sup>36</sup>, não somente a gestão de tempo e distância dos produtos informacionais diminuiu, como as barreiras geográficas foram quebradas, permitindo que pessoas não precisassem ir para um local de trabalho fixo para realizar as atividades, como no caso de outras funções laborais:

Isso significa que foi cortada uma ligação importante entre os trabalhadores e o objeto de seu trabalho. Se os trabalhadores podem fazer um

---

<sup>35</sup> Trecho retirado de WOODCOCK, Jame: “O panóptico algorítmico da Deliveroo: mensuração, precariedade e a ilusão do controle” (em ANTUNES, Ricardo. **Uberização, Trabalho Digital e Indústria 4.0.** – P. 32)

<sup>36</sup> Meios técnicos usados para tratar a informação e auxiliar máquina e pessoas na comunicação.

trabalho baseado em informação [...], então esse trabalho pode, em teoria, ser feito de qualquer lugar e por qualquer pessoa que tenha acesso às máquinas e conectividade adequadas (GRAHAM; ANWAR, 2020, p. 70)

Em consequência desta quebra geográfica, as tecnologias digitais trouxeram consigo o chamado espaço digital que, de acordo com uma das explicações de John Perry Barlow<sup>37</sup> a respeito, as tecnologias digitais podem trazer um espaço existente, ou seja, “um mundo que está ao mesmo tempo em todos os lugares e em nenhum lugar, mas não é onde os corpos habitam”. Este ambiente, conseqüentemente, é definido pelos seres humanos envolvidos no desenvolvimento dos sistemas e das atividades, conforme sua necessidade.

As atividades realizadas dentro do contexto do trabalho digital são, geralmente, de alta intensidade, com longas jornadas de trabalho e pouca estabilidade financeira e/ou laboral (FAGUNDES, 2019).

## **OS TIPOS DE TRABALHO DIGITAL**

Os trabalhos relacionados ao mundo digital podem ou não ser remunerados e abrangem inúmeras atividades. Graham e Anwar (2020) citam a explicação de Christian Fuchs (2013) para exemplificar:

No meio acadêmico contemporâneo, o termo “trabalho digital” tem sido usado para descrever uma grande variedade de atividades: trabalho de clique (*clickwork*) [...], trabalho de call-center em grandes escritórios, a edição de um artigo na Wikipédia e mesmo a postagem de uma foto em uma rede social, feita em um telefone (FUCHS apud GRAHAM; ANWAR, 2020, p. 71).

Além disso, tais atividades podem ou não ser realizadas de forma totalmente virtual, com ou sem a necessidade de se locomover para um local de trabalho obrigatório.

---

<sup>37</sup> Disponível em: <https://www.eff.org/cyberspace-independence>. Acesso em: 04 de abril de 2023.

## TRABALHOS DIGITAIS DE LOCAL

São formas laborais que, apesar da necessidade de dispositivos digitais para a realização de determinadas atividades, dependem que os trabalhadores se locomovam para o local onde exercitará as tarefas. Geralmente, trata-se de uma localização fixa pertencente a empresa, que disponibiliza os meios de produção<sup>38</sup> digitais para o infoproletário. É fruto da primeira onda do trabalho digital<sup>39</sup> e é muito comum em empresas de *call center*<sup>40</sup>.

## TRABALHOS DIGITAIS VIRTUAIS

Tais situações laborais estão ligadas aos trabalhos que não demandam obrigatoriamente da presença física da pessoa em um local, focando sua atuação parcial ou totalmente em recursos digitais ligados à internet ou que dependem dela para transitar as informações.

Apesar de muitas das profissões relacionadas a esses tipos de trabalho terem empresas existentes com foco na atuação presencial total ou parcial, é por conta do trabalho digital virtual que o número de trabalhos temporários e de *freelancer*<sup>41</sup> cresceu mundialmente. No Brasil, no início da pandemia de covid-19, plataformas de vagas destes tipos de profissionais tiveram um crescimento no número de cadastrados. Entre março e setembro de 2020, por exemplo, a Workana<sup>42</sup> registrou crescimento de 32% nos cadastros de profissionais brasileiros, enquanto a GetNinjas<sup>43</sup>, no mesmo período, registrou 400 mil profissionais (Cavallini, 2020)<sup>44</sup>.

<sup>38</sup> Segundo MARX, são os conjuntos que compõem meios e objetos de trabalho em um ambiente laboral.

<sup>39</sup> Ocorreu entre os anos 1980 e 1990, com a terceirização de funções de empresas ocidentais para países com mão de obra barata.

<sup>40</sup> Centrais de atendimento que visam o recebimento ou envio de ligações telefônicas. Trabalhadores de *call center* mediam entre empresa e cliente.

<sup>41</sup> Trabalhador independente que atua para várias empresas e clientes. Não tem vínculo empregatício com empresas CLT.

<sup>42</sup> Plataforma de mercado para contratação de trabalhadores remotos ou *freelancer*.

<sup>43</sup> Plataforma que conecta clientes a diversos prestadores de serviços nacional e internacionalmente.

<sup>44</sup> Fonte: g1. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/2020/10/25/pandemia-aumenta-busca-por-profissionais-autonomos-e-freelancers-no-pais-veja-servicos-com-maior-demanda.ghtml>. Acesso em: 08 de abril de 2023.

Desenvolvedores de software, designers gráficos, profissionais de mídias sociais, cientistas de dados, tradutores, redatores e assistentes virtuais são alguns dos exemplos de profissionais que podem atuar totalmente de forma remota, apenas por plataformas digitais.

## **A UBERIZAÇÃO NO CONTEXTO DO TRABALHO DIGITAL**

### **O QUE É A UBERIZAÇÃO**

De acordo com Antunes (2020), a uberização é “um processo no qual as relações de trabalho são crescentemente individualizadas e inviabilizadas, assumindo, assim, a aparência de ‘prestação de serviços’ e obliterando as relações de assalariamento do trabalho”. O termo “uberização” é uma referência à Uber, empresa pioneira na imposição do modelo de trabalho por aplicativo no Brasil, em 2014<sup>45</sup>.

### **CARACTERÍSTICAS DA UBERIZAÇÃO**

As empresas que se encaixam nos modelos de trabalho e caracterizações da uberização geralmente têm características ligadas ao modelo administração just-in-time, ou seja, a produção, transporte e entrega – esta, no caso dos aplicativos desta vertente – devem acontecer na hora exata (ABÍLIO, 2020). O trabalhador que remete a este tipo de atividade laboral geralmente atua por meio de um aplicativo acessado por um smartphone.

Segundo Abílio (2020, p. 4), essas empresas mediam a atividade entre o trabalhador, produto e cliente, uma vez que detêm os meios tecnológicos virtuais para a produção. O trabalhador, apesar de designado pela plataforma como “empreendedor e empresa de si mesmo” (GROHMANN, 2020), acaba por depender totalmente do trabalho para sobreviver.

O trabalhador que atua em uma atividade designada como “uberizada” é considerado um “prestador de serviços”, o que impossibilita a garantia de direitos e garantias trabalhistas segundo a legislação do trabalho (ANTUNES,

---

<sup>45</sup> Fonte: g1. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/tem-um-aplicativo/noticia/2014/06/app-de-caronas-sensacao-nos-eua-uber-chega-sao-paulo.html>. Acesso em: 08 de abril de 2023.

2020). Ele também atua em jornadas de trabalho longas, recebe salários baixos e inflexíveis, além de arcar com os custos da manutenção de suas ferramentas de trabalho – a exemplo de motos, bicicletas, celulares e outros equipamentos.

Antunes (2020) define as características da uberização como parte de um processo “escravidão digital”, uma vez que estas tornam o contexto e o processo de trabalho perversos. Além disso, o autor também compara e define tais características como uma retomada às primeiras fases do sistema capitalista:

Em plena era do capitalismo de plataforma [...], ampliam-se globalmente formas pretéritas de exploração do trabalho, que remetem aos primórdios da Revolução Industrial. O que significa dizer que, em pleno século XXI, estamos vivenciando a recuperação de sistemáticas do trabalho que foram utilizadas durante o que podemos chamar de protoforma do capitalismo (ANTUNES, 2020, p. 26).

O trabalhador “uberizado” também demanda da gestão do seu próprio tempo: ele pode definir sua jornada, mas o ganho se baseia no que produziu neste tempo, com retornos instáveis.

## **EXEMPLOS FAMOSOS NO BRASIL**

Dois dos grandes exemplos de empresas que aplicam a metodologia de trabalho em questão são a Uber e o iFood. A primeira, do ramo de transporte urbano privado, é pioneira no modelo de trabalho e, desde a chegada ao Brasil, em 2014, já realizou mais de 2 bilhões de corridas, chegando à média de 1 milhão de viagens por hora com cerca de 5,4 milhões de prestadores<sup>46</sup>. Já a segunda, de entrega de refeições, chegou a ter, em um dia, 2,8 milhões de pedidos em seu aplicativo, o equivalente a 32 pedidos por segundo e mais de

---

<sup>46</sup> Fonte: Tecnoblog. Disponível em: <https://tecnoblog.net/noticias/2023/02/08/uber-bate-2-bilhoes-de-corridas-no-trimestre-e-fecha-2022-com-lucro/>. Acesso em: 11 de abril de 2023.

115 mil por hora (IFOOD, 2022)<sup>47</sup>, e seus entregadores são parte dos 386 mil trabalhadores por app no ramo de delivery (CEBRAP, 2023).

Ambas as plataformas se destacam por conta da sobreposição aos concorrentes: no caso da Uber, a entrada do aplicativo despopularizou os serviços de táxi no Brasil mesmo antes de sua regulamentação<sup>48</sup>. Já o iFood manteve a predominância no ramo de delivery no Brasil, enquanto empresas concorrentes encerravam as atividades no país, a exemplo da Glovo<sup>49</sup> e da 99Food<sup>50</sup>; ou a mudança no foco de entregas, como ocorreu com a Uber Eats ao limitar o serviço para entregas de supermercado<sup>51</sup>.

As duas empresas, apesar de vertentes diferentes, possuem sistemas que se baseiam na avaliação dos trabalhadores e clientes. Um trabalhador mal avaliado pelos critérios disponíveis pode sofrer suspensões, assim como pode ser demitido por qualquer motivo que o aplicativo considere aplicável (FILGUEIRAS; CAVALCANTE, 2020).

## **OS “ANTIGOS” TRABALHOS DO SÉCULO XXI NA ERA DIGITAL**

Muitos dos trabalhos que já existiam antes da introdução e expansão do trabalho digital seguem disponíveis e ocupados por profissionais. Parte delas não demanda do uso de tecnologias avançadas, já outras tiveram que se adaptar às novas tecnologias.

Há, também, labores que, por conta do avanço tecnológico, podem se tornar obsoletos e deixar de existir. Isto ocorre, pois, a sociedade passa por períodos de transição (Auedi apud SALGUEIRO; AVELAR; MIRANDA; LIMA,

---

<sup>47</sup> Fonte: iFood. Disponível em: <https://news.ifood.com.br/ifood-cresce-em-dezembro-e-registra-recorde-de-pedidos-feitos-em-um-unico-dia/>. Acesso em: 11 de abril de 2023.

<sup>48</sup> Fonte: g1. Disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/05/taxistas-protestam-contra-decreto-que-libera-uber-em-sao-paulo.html>. Acesso em: 15 de abril de 2023.

<sup>49</sup> Fonte: Exame. Disponível em: <https://exame.com/pme/glovo-encerra-operacao-no-brasil/>. Acesso em 12 de junho de 2023.

<sup>50</sup> Fonte: InfoMoney. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/negocios/99-vai-encerrar-operacao-de-entrega-de-restaurantes-no-brasil/>. Acesso em 12 de junho de 2023.

<sup>51</sup> Fonte InfoMoney. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/negocios/uber-eats-encerra-as-operacoes-em-restaurantes-no-brasil-a-partir-de-marco/>. Acesso em 12 de junho de 2023.

2017), no qual outros trabalhos absorvem as funções ou as inovam para outra metodologia:

Entre a extinção de uma profissão e a emergência de outra, percebemos o (im) + pacto das inovações tecnológicas que moldam e redefinem o social [...]. As novas ações no trabalho não respondem somente as necessidades técnicas, mas, fundamentalmente, ao controle social e disciplina da força de trabalho (AUEDI, 2017).

Conseqüentemente, tecnologias antigas são derrubadas pelas novas tecnologias, de forma evolutiva e disruptiva, podendo futuramente ser substituídas por outra inovação tecnológica (SALGUEIRO; AVELAR; MIRANDA; LIMA, 2017). Os trabalhos e empregos, conseqüentemente, sofrem do mesmo efeito.

## **OS IMPACTOS SOCIOECONÔMICOS DOS NOVOS TRABALHOS PRECARIZAÇÃO**

O termo “precarização do trabalho” é caracterizado pela falta de regulamentação e pela perda de direitos trabalhistas e sociais por meio da informalização do trabalho e a legalização dos trabalhos temporários (PIALARISSI, 2017). Tal contexto de flexibilização e informalidade do trabalho se tornaram comuns ao longo dos últimos anos, evidenciando os modelos de trabalho uberizado em sua extrema negatividade ao individualizar as relações trabalhistas e suprimir a legislação trabalhista (ANTUNES, 2020).

No Brasil, por exemplo, a expansão da uberização e a consolidação do trabalho precarizado e flexibilizado se deu por conta da Reforma Trabalhista de 2017<sup>52</sup>, implementada no governo do então presidente da República Michel Temer, como parte da onda liberal praticada em seus dois anos e quatro meses de mandato. Figueiras e Cavalcante (2020) exemplificam um ponto em destaque desta alteração na lei:

---

<sup>52</sup> Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2015-2018/2017/lei/l13467.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2017/lei/l13467.htm). Acesso em 12 de junho de 2023.

Esse entendimento obscurece a exploração do trabalho e os interesses dos reais empregadores, que se aproveitam da inobservância das obrigações legais [...]. Entre centenas de novas regras que suprimiram os direitos trabalhistas, a reforma trabalhista introduziu um novo artigo ampliando o conceito de trabalho autônomo [...], buscando, portanto, reduzir o escopo de trabalhadores adequados à proteção da lei trabalhista (FIGUEIRAS; CAVALCANTE, 2020).

Em 2019, o na época presidente Jair Messias Bolsonaro sancionou a Reforma da Previdência<sup>53</sup>, que alterou a meta de aposentadoria para homens e mulheres (62 e 65 anos, respectivamente) e implantou a necessidade de as futuras gerações trabalharem por mais anos para ter direito ao auxílio.

Com tais flexibilizações, as condições para que trabalhadores do âmbito digital - como entregadores de aplicativo e freelancers – tenham a possibilidade de se aposentar por tempo de serviço no futuro, via INSS, tende a complicar, uma vez que muitas das empresas que disponibilizam ou contratam empregadores para tais serviços, não disponibilizam um vínculo empregatício consolidado. Logo, recorre a possibilidade de se aplicar a uma aposentadoria privada<sup>54</sup>, o que muitas vezes não é viável para o trabalhador devido aos custos que arca com o que ganha, seja consigo, seja com dependentes diretos.

Além destas questões, a falta de benefícios de saúde também é um fator preocupante para os trabalhadores dos novos métodos laborais. Conseqüentemente, estes ficam expostos a acidentes físicos ou ao desenvolvimento de doenças corporais e mentais ao longo do tempo em que atua em determinado trabalho flexibilizado. De acordo com Pires (apud OLIVEIRA; MONTEIRO, 2021), a questão da saúde mental, analisada pela ausência de doenças e pela relação do trabalhador com o ambiente, é denominada como “uma situação de adoecimento psíquico, mesmo que, por muitas vezes, ele [o trabalhador] não se perceba como alguém adoecido psicologicamente, acreditando ser algo aceitável”. Já Alegretti (2023), em

---

<sup>53</sup> Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/emendas/emc/emc103.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc103.htm). Acesso em 12 de junho de 2023.

<sup>54</sup> Alternativa à aposentadoria do Estado, no qual o indivíduo usa dos próprios ganhos para contribuir com uma aposentadoria investida em esquemas de poupança e fundos mútuos.

reportagem publicada na BBC e replicada pelo portal UOL<sup>55</sup>, com base em dados do IBGE, 23% dos entregadores e motoristas têm cobertura do INSS, ou seja, um a cada quatro destes trabalhadores. O que leva a afirmar que os outros 77%, caso não tenham planos ou garantias de saúde contratados, ficam expostos a acidentes de trabalho por questões mentais ou situacionais, no qual a empresa de plataforma não dará suporte num eventual incidente.

## JORNADAS DE TRABALHO E SALÁRIOS

No contexto de flexibilização das leis de trabalho e da precarização laboral, mesmo aqueles que têm vínculo empregatício tendem a trabalhar por mais tempo para atingir determinadas metas. Nos casos de trabalhos sem esta relação, como é no caso dos entregadores e motoristas de aplicativos, a média de trabalho diário pode levar mais de 12 horas. De acordo com Barros (2021), em notícia publicada no UOL Economia<sup>56</sup>, em média, um entregador de aplicativo trabalha 65 horas por semana e consegue uma renda mensal média de R\$ 1.172,62, pouco acima do salário mínimo da época, mas abaixo da média salarial atual – R\$ 1320,00 -. Estes também tendem a “pagar para trabalhar”, pois dependendo das entregas ou viagens, podem receber valores abaixo dos custos diários, como combustível.

## DESEMPREGO E INFORMALIDADE NO SÉCULO XXI

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)<sup>57</sup>, a pessoa desempregada é aquela que “tem idade para trabalhar (acima de 14 anos), não está empregada, mas busca por emprego”. Ainda de acordo com o instituto (apud CUT, 2022)<sup>58</sup>, os trabalhadores informais são aqueles que não têm carteira assinada, CNPJ e trabalhadores familiares auxiliares.

<sup>55</sup> Ver matéria completa em UOL: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2021/12/15/estudo-entregadores-aplicativos-plataformas-oit-cut.htm>. Acesso em 12 de junho de 2023.

<sup>56</sup> Ver matéria completa em UOL: <<https://economia.uol.com.br/noticias/bbc/2023/01/16/sem-protecao-so-23-dos-entregadores-e-motoristas-de-app-tem-cobertura-do-inss.htm>>. Acesso em 12 de junho de 2023.

<sup>57</sup> Ver matéria completa em Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE): <https://www.ibge.gov.br/explica/desemprego.php#:~:text=O%20que%20%C3%A9%20desemprego,basta%20n%C3%A3o%20possuir%20um%20emprego>. Acesso em 12 de junho de 2023

<sup>58</sup> Ver matéria completa no site CUT: <https://www.cut.org.br/noticias/informalidade-e-emprego-sem-carteira-batem-recorde-e-desemprego-cai-para-9-1->

As informações mais recentes do IBGE sobre o desemprego no Brasil, do primeiro trimestre de 2023<sup>59</sup>, indicam que 8,8% da população está desempregada, contando com trabalhadores ocupados e desocupados<sup>60</sup>. Durante a pandemia de covid-19, essa taxa chegou a 14,9% no primeiro trimestre de 2021<sup>61</sup>.

## O TRABALHO INFORMAL COMO ÚLTIMO CAMINHO

De acordo com o IBGE, a taxa de informalidade entre setembro e novembro de 2022 chegou a 38,9% no mercado de trabalho, o equivalente a 38,8 milhões de trabalhadores (ESTADÃO; UOL, 2023). No mesmo período, 499 mil pessoas saíram da informalidade e assumiram vagas formais.

Os motivos que levam trabalhadores à informalidade envolvem, também, as questões de precarização e flexibilização do trabalho. Com a alta concorrência e a falta de especialização necessária para determinadas vagas formais, as que dentro ou fora da área de atuação destas pessoas com o mínimo – ou nulo – de vínculos empregatícios possíveis são as únicas alternativas. Muitos se lançam, também, a projetos de empreendedorismo, onde se baseiam em vendas ou desenvolvimento de produtos inovadores ou consolidados no mercado.

Antunes (2020) defende o combate a precarização laboral, de modo a preservar o bem-estar da humanidade:

Assim, se essa tendência destrutiva em relação ao trabalho não for fortemente confrontada, recusada e obstada, sob todas as formas possíveis, teremos, além da ampliação exponencial da informalidade no mundo digital, a expansão dos trabalhos

---

[b16a#:~:text=S%C3%A3o%20considerados%20informais%20os%20trabalhadores,8%25%20da%20popula%C3%A7%C3%A3o%20ocupada.](#) Acesso em: 12 de junho de 2023

<sup>59</sup> Fonte: IBGE. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/explica/desemprego.php#:~:text=O%20que%20%C3%A9%20desemprego,basta%20n%C3%A3o%20possuir%20um%20emprego>. Acesso em: 12 de junho de 2023

<sup>60</sup> Fonte: IBGE. Disponível em: [http://ftp.ibge.gov.br/Trabalho\\_e\\_Rendimento/Pesquisa\\_Nacional\\_por\\_Amostra\\_de\\_Domicilios\\_continua/Mensal/glossario\\_pnadc\\_mensal.pdf](http://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilios_continua/Mensal/glossario_pnadc_mensal.pdf). Acesso em: 12 de junho de 2023.

<sup>61</sup> Ver matéria completa em: <https://veja.abril.com.br/economia/ibge-desemprego-durante-a-pandemia-foi-maior-que-o-estimado>. Acesso em 12 de junho de 2023.

“autônomos”, dos “empreendedorismos”, etc., configurando-se cada vez mais como uma forma oculta de assalariamento do trabalho (ANTUNES, 2020, p. 19).

## **O CANSAÇO PARA QUEM TRABALHA E PROCURA TRABALHO UMA SOCIEDADE CANSADA**

Han (2017) aponta que a sociedade do século XXI sofre e sofrerá de doenças que não são consideradas patológicas, mas mentais:

Doenças neuronais como a depressão, transtorno de déficit de atenção com síndrome de hiperatividade (TDAH), Transtorno de personalidade limítrofe (TPL) ou a Síndrome de Burnout (SB) determinam a paisagem patológica do começo do século XXI. (Han, 2017, p.7)

Tais males mentais, quando assimiladas às atividades repetitivas, cansativas e de longo tempo e jornadas constantemente longas, causadas por atividades laborais precarizadas ou não, ou a falta de empregos disponíveis para desempregados e desalentados<sup>62</sup>, podem compor parte daquilo que Han (2017) denomina como “Sociedade do Cansaço”. Nogueira (2020) defende que “a demanda por mais empregos implicaria a redução do estresse e das doenças do trabalho, muitas vezes causadas pelas metas abusivas sobre o contingente menor de trabalhadores”. Tal fator pode beneficiar tanto aquele que procura por um emprego – formal ou não -, quanto para os que já estão em uma empresa, mas acumulam tarefas múltiplas pela falta de pessoas que possam executá-las.

Apesar deste contexto de “cansaço” envolvendo situações de precariedade, muitos trabalhadores não visam mudar de área ou procurar um emprego formal. Segundo a pesquisa “Mobilidade urbana e logística de entregas: um panorama sobre o trabalho de motoristas e entregadores com aplicativos”<sup>63</sup> (BRIGATTI, 2023), a maioria dos entregadores e motoristas de

---

<sup>62</sup> Fonte: IBGE. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/explica/desemprego.php>>. Acesso em: 12 de junho de 2023.

<sup>63</sup> Ver matéria completa em Folha de S. Paulo: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2023/04/maioria-nao-quer-deixar-trabalho-com-aplicativo-diz-pesquisa-das-plataformas.shtml>>. Acesso em 12 de junho de 2023.

aplicativos como iFood, Zé Delivery, 99 e Uber não querem sair de suas atividades para outro emprego, tal qual não estão à procura de outro tipo de atividade. Dos que trabalham no transporte de pessoas, 63% optam por se manter nas atividades da plataforma que atua, enquanto 53% dos entregadores também preferem ficar no aplicativo.

## **A POSITIVIDADE COMO FATOR DE ESTORVO**

A necessidade de avaliações positivas para se manter em alta e evitar possíveis banimentos de trabalhos por aplicativo, atendimento ao cliente e outras atividades precarizadas ou flexibilizadas que tenham o sistema avaliativo é um fator que tende a atrapalhar os trabalhadores ou atenuar o desenvolvimento de doenças atreladas à mente. Han (2017) não somente assimila a esta questão positiva, mas ao excesso de informação que a sociedade, num geral, absorve ao longo de seus dias. Tais preceitos podem ser comparados às avaliações por estrelas que motoristas, entregadores e outros trabalhadores digitais precisam receber, assim como com a necessidade de entregar resultados e produtos no momento exato, dentro da dinâmica just-in-time e no preceito de sociedade de desempenho.

A partir de determinado ponto da produtividade, a técnica disciplinar ou o esquema negativo da proibição se choca rapidamente com seus limites. Para elevar a produtividade, o paradigma da disciplina é substituído pelo paradigma do desempenho ou pelo esquema positivo do poder, pois a partir de um determinado nível de produtividade, a negatividade da proibição tem um efeito de bloqueio, impedindo um maior crescimento (Han, 2017, p. 15)

Ainda segundo Han (2017, pág. 17), “O excesso de trabalho e desempenho agudiza-se numa auto exploração. Essa é mais eficiente que uma exploração do outro, pois caminha de mãos dadas com o sentimento de liberdade. O explorador é ao mesmo tempo o explorado”.

Este excesso, combinado com a necessidade de positividade, leva ao “doping” que, segundo o autor, gera o esgotamento excessivo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas pesquisas realizadas e análises de autores de livros, pesquisas, artigos, notícias e reportagens acerca do tema do trabalho no século XXI, atrelado à evolução e incrementação digital nas atividades laborais, é possível notar que a tendência é que os sistemas digitais dominem o mercado de trabalho em poucos anos.

É evidente que isto é um fator que tem lados positivos e negativos: a incrementação dos sistemas digitais nos trabalhos e o surgimento de atividades totalmente dependentes do virtual pode facilitar a vida da população por conta da rapidez, precisão e dinamismo que as informações e produtos circulam dentro e fora das redes. Porém, é um fator negativo para o trabalhador, uma vez que, apesar da geração de atividades que torne menos provável a falta do labor para os indivíduos que podem trabalhar, a alta demanda, a falta de garantias para o bem-estar e a necessidade de estender jornadas de trabalho para atingir metas de produção e de obtenção monetária podem levar as gerações trabalhadoras a doenças que a impeçam, num curto tempo, a trabalhar mais por sua sobrevivência.

Quanto a disponibilidade de atividades laborais, é possível observar que, apesar das constantes crises do capitalismo, frequentes cortes de gastos de empresas e a disponibilidade de trabalhos sem vínculo empregatício, além da substituição da mão de obra humana pelos equipamentos de automação, ainda é possível ter empregos disponíveis. Porém, o desafio é gerar ou disponibilizá-los de modo a não serem atividades prejudiciais e sem garantias empregatícias a curto e longo prazo.

Outros desafios envolvem a luta pela regularização de trabalhos considerados precarizados ou “uberizados”, um problema para um país em que a disponibilidade de empregos formais é pequena em diversos momentos de um ano. Esta pode ser a porta de entrada não somente para a melhora nas condições laborais por um todo, como também para a melhora do bem-estar do trabalhador.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEGRETTI, Laís. **Sem proteção: só 23% dos entregadores e motoristas de app têm cobertura do INSS**. UOL Economia. Disponível em: < <https://economia.uol.com.br/noticias/bbc/2023/01/16/sem-protecao-so-23-dos-entregadores-e-motoristas-de-app-tem-cobertura-do-inss.htm>>. Acesso em: 12 jun. 2023.

ANTUNES, Ricardo. **Riqueza e Miséria do Trabalho no Brasil IV: trabalho digital, autogestão e expropriação da vida**. Boitempo, São Paulo, 2019.

ANTUNES, RICARDO. **Uberização, Trabalho Digital e Indústria 4.0. (Mundo do Trabalho)**. São Paulo, Boitempo Digital, 2020.

ANTUNES, Ricardo; FILGUEIRAS, Vitor. **Plataformas digitais, Uberização do trabalho e regulação no Capitalismo contemporâneo**. Contracampo, Edição v.39 número 1/2020. Niterói (RJ), abr.-jul. 2020. Disponível em: < <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/38901/pdf>>. Acesso em: 13 mai. 2023.

BARLOW, John Perry. **A Declaration of the Independence of Cyberspace**. Disponível em: < <https://www.eff.org/cyberspace-independence>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

BARROS, Henrique Sales. Estudo: Jornada média de entregadores de aplicativos é de 65 horas semanais. UOL Economia. Disponível em: < <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2021/12/15/estudo-entregadores-aplicativos-plataformas-oit-cut.htm>>. Acesso em: 10 jun. 2023.

BERTÃO, Naiara: **Glovo encerra operação no Brasil**. EXAME. Disponível em: < <https://exame.com/pme/glovo-encerra-operacao-no-brasil/>>. Acesso em: 12 jun. 2023.

BRASIL, Constituição. **EMENDA CONSTITUCIONAL Nº 103, DE 12 DE NOVEMBRO DE 2019**. Disponível em: < [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/emendas/emc/emc103.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc103.htm)>. Acesso em: 12 jun. 2023.

BRASIL, Constituição. **LEI Nº 13.467, DE 13 DE JULHO DE 2017**. Disponível em: < [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2015-2018/2017/lei/l13467.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2017/lei/l13467.htm)>. Acesso em: 12 jun. 2023.

BRIGATTI, Fernanda. **Maioria não quer deixar trabalho com aplicativo, diz pesquisa das plataformas.** Folha de S. Paulo. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2023/04/maioria-nao-quer-deixar-trabalho-com-aplicativo-diz-pesquisa-das-plataformas.shtml>>. Acesso em: 12 jun. 2023.

CAVALCANTE, Zedequias Vieira, SILVA, Mauro Luis Siqueira da. A IMPORTÂNCIA DA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL NO MUNDO DA TECNOLOGIA. VII EPEC – Encontro Internacional de Produção Científica, CESUMAR, Maringá, 2011. Disponível em: [https://www.unicesumar.edu.br/epcc-2011/wp-content/uploads/sites/86/2016/07/zedequias\\_vieira\\_cavalcante2.pdf](https://www.unicesumar.edu.br/epcc-2011/wp-content/uploads/sites/86/2016/07/zedequias_vieira_cavalcante2.pdf). Acesso em 24 de março de 2023.

CAVALLINI, Marta. **Pandemia aumenta busca por profissionais autônomos e freelancers no país; veja serviços com maior demanda.** G1. Disponível em: < <https://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/2020/10/25/pandemia-aumenta-busca-por-profissionais-autonomos-e-freelancers-no-pais-veja-servicos-com-maior-demanda.ghtml>>. Acesso em: 12 jun. 2023.

ESTADÃO; INFOMONEY: **99 vai encerrar operação de entrega de restaurantes no Brasil.** Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/negocios/99-vai-encerrar-operacao-de-entrega-de-restaurantes-no-brasil/>. Acesso em: 11 de jun. 2023.

ESTADÃO; UOL ECONOMIA. **Brasil tem taxa de informalidade de 38,9% no trimestre até novembro, aponta IBGE.** Disponível em: < <https://economia.uol.com.br/noticias/estadao-conteudo/2023/01/19/brasil-tem-taxa-de-informalidade-de-389-no-trimestre-ate-novembro-aponta-ibge.htm>>. Acesso em: 12 jun. 2023.

G1. **App de caronas sensação nos EUA, Uber chega a São Paulo.** Disponível em: < <https://g1.globo.com/tecnologia/tem-um-aplicativo/noticia/2014/06/app-de-caronas-sensacao-nos-eua-uber-chega-sao-paulo.html>>. Acesso em: 12 jun. 2023.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço.** 2ª edição. Petrópolis: Vozes, 2017.

IBGE. **Desemprego**, Disponível em: < <https://www.ibge.gov.br/explica/desemprego.php#:~:text=O%20que%20%C3%A9%20desemprego,basta%20n%C3%A3o%20possuir%20um%20emprego>>.

Acesso em: 12 jun. 2023.

IFOOD. **iFood cresce em dezembro e registra recorde de pedidos feitos em um único dia**. Disponível em: < <https://news.ifood.com.br/ifood-cresce-em-dezembro-e-registra-recorde-de-pedidos-feitos-em-um-unico-dia/>>. Acesso em:

12 jun. 2023.

IFOOD. **Pesquisa traça o perfil dos entregadores de aplicativo**. Disponível em: < <https://news.ifood.com.br/pesquisa-traca-o-perfil-dos-entregadores-de-aplicativo/>>. Acesso em: 12 jun. 2023.

KONASZEWSKI, Amanda Lorenzini. **DESEMPREGO NO BRASIL NO SÉCULO XXI: O ACHATAMENTO DOS DIREITOS SOCIAIS TRABALHISTAS E A QUALIDADE DE VIDA DO TRABALHADOR**. Disponível em: < <https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/bitstream/handle/123456789/7469/Amanda%20Lorenzini%20Konaszewski.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 12 jun. 2023.

LARA, Lorena. Brasil tem 1,6 milhão de pessoas trabalhando como entregadores ou motoristas de aplicativos. **G1**. Disponível em: < <https://g1.globo.com/trabalho-e-carreira/noticia/2023/04/13/brasil-tem-16-milhao-de-pessoas-trabalhando-como-entregadores-ou-motoristas-de-aplicativos.ghtml>>. Acesso em: 12 jun. 2023.

LIMA, Antonio Luís dos Santos; MIRANDA, Maria Geralda de; AVELAR, Kátia Eliane Santos; SALGUEIRO, Paulo Ricardo Oliveira da Costa. **OBSOLESCÊNCIA PROGRAMADA DAS PROFISSÕES NA ERA TECNOLÓGICA: O SURGIMENTO DO NEOPENSADOR**. Revista Semioses, Vol. 11, n.04, 2017.

MARCELINO, Paula. AFINAL, O QUE É TERCEIRIZAÇÃO? EM BUSCA DE FERRAMENTAS DE ANÁLISE E DE AÇÃO POLÍTICA. Disponível em: < <https://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/view/1640/1570>>. Acesso em: 12 jun. 2023.

MIRANDA, Camila de Almeida. Mulheres garis: relatos de invisibilidade pública e violência simbólica – trecho baseado na proposta de Anthony Giddens em “Sociologia” (2005, p. 306). Disponível em

[https://pt.scribd.com/read/405726513/Mulheres-garis#\\_search-menu\\_879320](https://pt.scribd.com/read/405726513/Mulheres-garis#_search-menu_879320).

Acesso em: 06 de abril de 2023.

MUNIZ, Marize: **Informalidade e emprego sem carteira batem recorde, segundo o IBGE**. CUT (Central Única dos Trabalhadores). Disponível em: <

[https://www.cut.org.br/noticias/informalidade-e-emprego-sem-carteira-batem-recorde-e-desemprego-cai-para-9-1-b16a#:~:text=S%C3%A3o%20considerados%20informais%20os%20trabalhadores,8%25%20da%20popula%C3%A7%C3%A3o%20ocupada\).>](https://www.cut.org.br/noticias/informalidade-e-emprego-sem-carteira-batem-recorde-e-desemprego-cai-para-9-1-b16a#:~:text=S%C3%A3o%20considerados%20informais%20os%20trabalhadores,8%25%20da%20popula%C3%A7%C3%A3o%20ocupada).>). Acesso em:

12 jun. 2023.

OLIVEIRA, Gabrielle Barbosa de; MONTEIRO, Thaís Moura. **UBERIZAÇÃO DO TRABALHO E OS EFEITOS NA SAÚDE MENTAL DO TRABALHADOR**.

CAOS – Congresso Acadêmico de Saberes em Psicologia. Disponível em: <

<https://fswceulp.nyc3.digitaloceanspaces.com/caos/2021/artigos/uberizacao-do-trabalho-e-os-efeitos-na-saude-mental-do-trabalhador.pdf>>. Acesso em: 12 jun.

2023.

PIALARISSI, Renata. **Precarização do Trabalho**. Rev. Adm. Saúde Vol. 17, Nº 66, jan. – Mar. 2017. Acesso em 12 jun. 2023.

ROSA, Giovani Santa. **Uber bate 2 bilhões de corridas no trimestre e fecha 2022 com lucro**. Tecnoblog. Disponível em: <

<https://tecnoblog.net/noticias/2023/02/08/uber-bate-2-bilhoes-de-corridas-no-trimestre-e-fecha-2022-com-lucro/>>. Acesso em: 12 jun. 2023.

SUTTO, Giovanna: **Uber Eats encerra as operações em restaurantes no Brasil a partir de março**. InfoMoney. Disponível em: <

<https://www.infomoney.com.br/negocios/uber-eats-encerra-as-operacoes-em-restaurantes-no-brasil-a-partir-de-marco/>>. Acesso em: 12 jun. 2023.

ZANOBIA, Luana. **Desemprego durante a pandemia foi maior que o estimado**. VEJA. Disponível em: < <https://veja.abril.com.br/economia/ibge-desemprego-durante-a-pandemia-foi-maior-que-o-estimado>>". Acesso em: 12

jun. 2023.